

UNIVERSIDADE ABERTA

CENTROS LOCAIS DE APRENDIZAGEM

ITINERÁRIO(s): 2007-2014

EDITORES

Domingos Caeiro | Adelaide Costa | Luísa Aires | Rosário Cunha

2021



FICHA TÉCNICA:

Título: Centros Locais de Aprendizagem. Itinerário(s): 2007-2014

Editores: Domingos Caeiro, Adelaide Costa, Luísa Aires, Rosário Cunha

ISBN: 978-972-674-910-3

DOI: <https://doi.org/10.34627/syhb-pj73>

Edição: César Sequeira

Citação: Caeiro, D., Costa, A., Aires, L., Cunha, R. (Eds.) (2021). Centros Locais de Aprendizagem. Itinerário(s): 2007-2014. Universidade Aberta. ISBN: 978-972-674-910-3, DOI: <https://doi.org/10.34627/syhb-pj73>; URI: <http://hdl.handle.net/10400.2/11565>

INDICE

APRESENTAÇÃO	7
REESTRUTURAÇÃO DOS CENTROS DE APOIO	9
OS CENTROS LOCAIS DE APRENDIZAGEM	9
PREÂMBULO	10
I. ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO ACTUAL DOS CENTROS DE APOIO	11
II. DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO, LOGÍSTICO E PEDAGÓGICO DAS ESTRUTURAS ALTERNATIVAS AOS ACTUAIS CENTROS DE APOIO	16
1. CRIAÇÃO, GESTÃO E FINANCIAMENTO DOS CLA	21
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
ANEXO	22
OS COORDENADORES DOS CLA	23
APRESENTAÇÃO	25
SELEÇÃO DO COORDENADOR DOS CLA: GUIÃO DA ENTREVISTA	27
FORMAÇÃO DOS COORDENADORES DOS CLA	30
FORMAÇÃO DE COORDENADORES CLA	32
UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO DE ESTUDOS DO LOCAL	33
Apresentação da Unidade de Investigação Estudos do Local	34
PLANO DE DESENVOLVIMENTO DOS CLA	37
1. Identificação do projecto	38
2. Instituições envolvidas	38
3. Componente científica	39
3.1. Sumário	39
3.2. Bases de sustentação do Projecto	40
3.3. Plano de desenvolvimento	46
3.4. Referências Bibliográficas	57
3.5. Publicações Anteriores	59
3.6. Lista de membros da equipa a contratar durante o período do projecto	59
3.7. Acções de divulgação do Projecto	59
CRIAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO	61
APROPRIAÇÕES DO LOCAL NA REDE.: OS CENTROS LOCAIS DE APRENDIZAGEM DA UAb (**)	63
1. A Educação a Distância Online e os desafios do “glocal”	66
2. Os Centros Locais de Aprendizagem da UAb	67

3. Arquitectura da Comunidade de Prática dos Coordenadores dos CLA: Dimensões Interactiva e Colaborativa	68
3.1 Análise reticular das interacções na Comunidade de Prática.....	70
3.2 Como avaliam os Coordenadores dos CLA o processo de colaboração online na Comunidade?.....	73
4. Conclusões	78
APRESENTAÇÃO DE BOA PRÁTICA	81
1. Descrição da Boa Prática	82
1.1 Título da boa prática.....	82
1.2 Palavras-chave	82
1.3. Critérios de excelência nos quais se enquadra a boa prática	82
2. Dados da organização responsável pela prática.....	82
3. Dados da pessoa responsável pela prática.....	82
4.1 Resumo da prática.....	84
4.2. Abordagem da prática	85
4.3. Implementação da prática.....	86
DO GRUPO À UNIDADE DE MISSÃO: OS DOCUMENTOS OFICIAIS.....	99

APRESENTAÇÃO

As instituições têm uma história, ou melhor, várias histórias, de acordo com a interpretação dos seus protagonistas e dos investigadores que, *a posteriori*, se propõem escrevê-la. Para que tal aconteça, é necessário que sejam preservadas as fontes que sustentam essa escrita. Mas a utilidade do resgate de textos inéditos que traduzem uma mudança organizacional, ainda que localizada numa área muito concreta, não se esgota na salvaguarda da memória futura. A experiência a que os testemunhos agora publicados se referem – ao cruzar as vertentes do planeamento e da gestão com os campos pedagógico e científico - foi significativa e merece ser partilhada.

É pelas razões enunciadas que se disponibilizam, neste *ebook*, documentos resultantes do trabalho desenvolvido por um grupo de professores, mas também de funcionários, entre 2007 e 2014, no âmbito da criação e implementação dos Centros Locais de Aprendizagem da Universidade Aberta. Outros e bem mais aliciantes testemunhos da construção quotidiana deste projeto permanecem incólumes nos arquivos da plataforma moodle da UAb, constituindo um repositório que preserva a constituição, manutenção e vivência de uma comunidade de prática, ao longo de vários anos.

A variedade dos textos¹ aqui reunidos secunda as múltiplas funções assumidas pelo grupo de trabalho: (i) diagnóstico sobre o mecanismo de apoio presencial ao ensino a distância existente em 2007 e desenho de uma nova estrutura e respetivo processo

¹ Os documentos são integrados neste *ebook* na sua versão original, sem qualquer alteração de conteúdo ou grafia e com a indicação dos autores de cada um.

de implementação; (ii) definição do perfil do coordenador dos CLA, critérios de seleção e formação presencial e online; (iii) estatutos do organismo concebido para enquadrar a investigação a desenvolver na área; (iv) plano de desenvolvimento dos CLA, elaborado em 2010, traduzido num projeto de investigação/ação para seis anos; (v) dois exemplos de criação e transferência do conhecimento, caso de uma comunicação científica apresentada num Encontro da AIESAD e uma boa prática submetida a um concurso do TELESCOPIO. Integra-se, ainda, um último ponto com o conjunto de deliberações reitorais que permitem reconstituir o itinerário formal do grupo de trabalho até à sua transformação em unidade de missão.

No documento fundacional da rede de Centros Locais de Aprendizagem (CLA) da UAb, os CLA foram definidos como “(...) pequenos núcleos vocacionados para a promoção de atividades orientadas pelos princípios da Educação ao Longo da Vida. Neles dinamizam-se ações educativas de âmbito formal, não-formal e informal, dirigidas para o desenvolvimento de competências académicas, profissionais, culturais e cívicas, em diferentes áreas - técnica, artística, cultural, científica ou económica. Estes Centros resultam da criação de parcerias entre a Universidade Aberta e a sociedade civil e local, organizam-se em rede e são coordenados pela própria UAb”. Considerado, à época, um projeto disruptivo numa universidade vocacionada para a Educação a Distância com as características da UAb, espera-se que o presente *eBook* contribua para uma compreensão mais aprofundada da génese, bem como da 1ª fase da sua implementação.

REESTRUTURAÇÃO DOS CENTROS DE APOIO

OS CENTROS LOCAIS DE APRENDIZAGEM

Domingos Caeiro, coordenador
Adelaide Costa
Luísa Aires
Maria da Dores Ribeiro
Rosário Cunha

Grupo de Trabalho - Reestruturação Centros de Apoio (Disp. nº7/R/2007)

2007

PREÂMBULO

O Grupo de Trabalho para a reestruturação dos Centros de Apoio² definiu três grandes linhas de análise, reflexão e apresentação de propostas, com vista à concretização do objectivo de que foi incumbido. Essas directrizes sintetizam-se nos seguintes tópicos:

- (I) Estrutura e funcionamento actual dos Centros de Apoio.
- (II) Desenvolvimento tecnológico, logístico e pedagógico das estruturas que poderão vir a substituir os Centros de Apoio.
- (III) Financiamento e gestão das estruturas referidas no ponto anterior.

Este itinerário de trabalho é norteado pelo Plano Estratégico da UAb, documento fundador que encerra uma visão global do arquétipo de universidade a distância de qualidade, moderna e eficaz, que se pretende alcançar. De entre as medidas elencadas no referido documento, saliente-se, naturalmente, a importância do novo Modelo Pedagógico da UAb enquanto elemento condicionante das propostas a aventar por este Grupo.

Cada uma das directrizes mencionadas não tem uma existência autónoma. Assim, função (incluindo neste item educação-formação-tecnologia), financiamento e gestão traduzem-se em realidades interdependentes no futuro dos Centros de Apoio que, sem dúvida, irão desempenhar uma importância capital para atingir os objectivos na nova visão da UAb do século XXI. Contudo, o Grupo de Trabalho assume que uma melhor gestão de recursos e o desenvolvimento tecnológico devem constituir o pilar sobre o qual se apoiarão as demais medidas conducentes à sustentabilidade do Objectivo 2 (acção n.º 15) 3, coordenado com o Objectivo 3 (acção n.º 17)⁴, ambos consignados no Plano Estratégico.

² Criado pelo Despacho n.º 7/R/2007.

³ “Reestruturação da rede de Centros de Apoio, levando ao desenvolvimento de uma rede local de apoio à aprendizagem a distância, vocacionada para os novos ambientes virtuais e com intervenção directa das delegações da Universidade Aberta” (objectivo 2).

⁴ Elaboração de um plano estratégico cívico, apontando “para uma forma de participação cívica inovadora e activa em contextos locais, que se norteia pelos valores da democracia, da cidadania e da justiça social” (objectivo 3).

I. ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO ACTUAL DOS CENTROS DE APOIO

1. A lógica de funcionamento da rede de Centros de Apoio da UAb

A rede actual de Centros de Apoio da UAb insere-se num modelo de segunda geração de instituições de Ensino a Distância.

A Universidade Aberta estabeleceu uma malha territorial de sustentação, tendo optado por criar pólos físicos que respeitavam a divisão administrativa por distritos e privilegiando as capitais dos mesmos.



Temos, assim, uma rede assente nas capitais de distrito com excepção de uma cidade que não cumpre esta característica (Silves e não Faro), e pólos nas duas regiões autónomas.

As delegações do Porto e de Coimbra subtraem-se à lógica desta tecitura territorial fundada em instituições alheias à UAb.

Para além de uma metódica distribuição geográfica dos Centros de Apoio da UAb, uma mesma lógica subjaz à categoria dos parceiros da Universidade nesses locais: trata-se de instituições de ensino superior universitário e politécnico, mais uma vez com a excepção do distrito de Faro, dado que a parceria é estabelecida com um Museu⁵.

As instituições de acolhimento dos Centros são as seguintes:

⁵ Museu Municipal de Silves.

1. Universidade dos Açores
2. ISCIA (Instituto Superior de Comunicação, Informação e Administração)⁶
3. Escola Superior de Educação de Beja
4. Universidade do Minho
5. Instituto Politécnico de Bragança
6. Escola Superior de Educação de Castelo Branco
7. Universidade de Évora
8. Universidade da Madeira
9. Instituto Politécnico da Guarda
10. Escola Superior de Educação de Leiria
11. Escola Superior de Educação de Portalegre
12. Escola Superior de Educação de Santarém
13. Escola Superior de Educação de Setúbal
14. Museu Municipal de Silves
15. Escola Superior de Educação de Viana do Castelo
16. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
17. Escola Superior de Educação de Viseu

2. Constrangimentos levantados à análise da situação actual da rede de Centros de Apoio da Universidade Aberta

Tendo o Despacho nº 7/R/2007 expressamente definido, como finalidade da criação do Grupo de Trabalho, a análise da situação actual da rede de Centros de Apoio da UAb, é fundamental esclarecer, à partida, a dificuldade em concretizar tal objectivo pela escassez de elementos que permitam elaborá-la.

Passamos a elencar os documentos de trabalho disponíveis:

- . Protocolos estabelecidos entre a Universidade Aberta e as instituições de acolhimento dos Centros de Apoio.
- . Síntese realizada pelo então Pró-Reitor para os Centros de Apoio, Prof. Doutor Hermano do Carmo, em Março-Junho de 2001, para ser apresentada aos responsáveis dos Centros de Apoio do Norte, Centro e Sul.
- . Relatórios do Centro de Apoio de Setúbal.
- . Documentos de carácter financeiro.
- . Memorandos das visitas efectuadas aos Centros de Apoio, em Junho e Julho de 2007.

⁶ Em substituição da Universidade de Aveiro, desde 1 de Julho de 2007.

3. Estudo dos protocolos

Passamos ao estudo exaustivo dos protocolos estabelecidos entre a UAb e as instituições de acolhimento dos Centros de Apoio.

Os protocolos constam de várias alíneas através das quais fica explicitada uma visão sobre as valências atribuídas aos Centros de Apoio.

Assim, estes pólos físicos servem de **centros de recursos**. Ou seja, os estudantes têm a possibilidade de consultar, num determinado local, os materiais escritos e mediatizados, quando integram o pacote educativo das disciplinas, e material complementar aí existente.

Os Centros de Apoio são, também, **centros de comunicação e informação**, quer esta seja de natureza administrativa e logística, quer corresponda a orientação tutorial em múltiplas áreas científicas.

Nos protocolos, aos Centros de Apoio estão ainda cometidas funções de **centros de exame**, de **animação sócio-cultural** e de **formação pós-graduada**.

Saliente-se que, no sistema de EaD multimédia convencional, existe um único momento de certificação das aprendizagens, que corresponde aos exames finais coordenados e realizados nestes Centros.

4. Relação entre o estipulado nos protocolos e a realidade que é possível reconstituir

Com base no relatório disponibilizado pelo Centro de Setúbal e nas visitas efectuadas aos Centros de Aveiro, Bragança, Castelo Branco, Guarda, Leiria, Portalegre, Vila Real, Viana do Castelo e Viseu, é possível reconstituir as funções efectivamente assumidas pelos mesmos.

A análise encontra-se sistematizada nos seguintes tópicos:

4.1. Coordenação

Verifica-se o esvaziamento da figura de coordenador dos Centros, particularmente quando as funções que lhe cabem são asseguradas por uma entidade e não por uma pessoa responsável⁷. Este esvaziamento manifesta-se na ausência do coordenador em momentos determinantes, como o da realização de exames⁸, e na inexistência de relatórios anuais⁹, mesmo quando estes são expressamente solicitados pela UAb.

Em consequência desta situação, a coordenação dos Centros confunde-se com a coordenação de exames, e esta última pode ser garantida não por docentes mas por funcionários administrativos das instituições¹⁰.

⁷ Por exemplo, Centro de Apoio de Viana do Castelo.

⁸ Em Vila Real, Aveiro, Bragança, Braga e Viseu, os coordenadores de exames encontravam-se ausentes em dia de realização de exames.

⁹ Contrariando o ponto 3 do primeiro parágrafo dos protocolos assinados entre a UAb e os Centros de Apoio.

¹⁰ Em Vila Real, a coordenação de exames é assegurada pela directora dos serviços académicos da UTAD.

4.2. Centro de Recursos

Os membros do Grupo de Trabalho constataram que, em alguns centros, o material encontra-se obsoleto e inutilizável (televisão, vídeo, computador e fax). Quanto aos materiais de aprendizagem, não se procedeu à sua actualização ou foram lentamente desaparecendo.

Dada a ausência de relatórios anuais elaborados pelos responsáveis Centros, tal como já foi referido, desconhece-se o número de alunos que a eles acorrem.

4.3. Espaço destinado à UAb

Os espaços atribuídos à UAb para divulgação de informações e afixação de pautas de exame não têm, frequentemente, a visibilidade e a dignidade desejáveis.

Em alguns casos, como por exemplo Vila Real, as pautas de exame não estavam sequer afixadas no dia em que decorreu a visita a este Centro.

4.4. Centros de Exames

Verificou-se que, em vários locais, tanto a coordenação quanto os vigilantes chegam com atraso às instalações de exame. Entre estes últimos, alguns não têm formação e desconhecem as normas de exame da UAb (que se incluem nos envelopes enviados pela Sede).

Refiram-se os seguintes comportamentos observados:

- . Os estudantes entram e escolhem livremente o seu lugar. Daqui resulta uma excessiva proximidade, em termos de espaço, entre os alunos avaliados numa mesma disciplina.
- . Os materiais de aprendizagem das disciplinas em avaliação são transportados pelos estudantes para dentro da sala e colocados sobre a mesa onde realizam a prova.
- . Ainda no que respeita à realização e exames deve referir-se que os “responsáveis” contactados pelos membros do Grupo de Trabalho enunciaram um conjunto de dificuldades, entre as quais se salienta:
 - . pautas que chegam com atraso;
 - . quantidade de enunciados inferior ao número de alunos em pauta (obrigando à abertura dos envelopes antes da realização dos exames para confirmação do número de enunciados disponíveis);
 - . exames que não são enviados antecipadamente e que chegam no próprio dia por fax.

4.5. Centros de comunicação e informação

Em termos **pedagógicos**, a valência dos actuais Centros de Apoio é inexistente, irrelevante ou, quando existe, deturpa a sua natureza, funcionando como “centro de explicações”.

Sabe-se que decisões tomadas pelos órgãos da Universidade não encontram eco nos vários pólos territoriais. Por exemplo, os Centros de Apoio continuam a facultar aos alunos os enunciados de exame dos anos anteriores¹¹.

¹¹ Cf. Relatório do Centro de Apoio de Setúbal

5. Pedidos de revisão de protocolos por parte das instituições

Desde o ano de 2006 têm-se repetido pedidos de revisão de protocolos por parte das instituições hospedeiras dos Centros de Apoio da UAb, baseados nas insuficientes verbas contratualizadas para suprir as despesas com os exames.

Este procedimento verificou-se relativamente às seguintes instituições:

- . Instituto Politécnico da Guarda
- . Aveiro¹²
- . Bragança
- . Viana do Castelo
- . Portalegre
- . Vila Real
- . Viseu

6. Medidas com carácter imediato propostas pelo Grupo de Trabalho

Face às situações descritas nos pontos anteriores, nomeadamente à necessidade de resolver problemas logísticos prementes, o Grupo de Trabalho, em reuniões ocorridas na Delegação de Coimbra, propôs:

- . a manutenção temporária da actual rede geográfica de Centros de Apoio enquanto não se executa a reforma prevista;
- . a concretização de medidas de controlo do funcionamento dos Centros de Apoio, sobretudo no que se refere às condições de realização de exames por parte dos estudantes da UAb;

Foram encetadas negociações com outras instituições no sentido de estabelecer novas parcerias¹³.

Conclusões do ponto I (Estrutura e funcionamento dos Centros de Apoio)

Conclui-se que a rede de Centros de Apoio se encontra desvirtuada face à função que lhe foi originalmente atribuída, uma vez que a concretização das valências contratualizadas é irrelevante ou inexistente. Reduz-se a uma rede de meros centros de exame e, nestas funções, com um desempenho insatisfatório. A displicência que é possível perceber na supervisão dos exames realizados em alguns Centros de Apoio poderá, em parte, explicar-se pelo facto de as vigilâncias não serem pagas aos docentes que por elas são responsáveis. Nestes casos, as verbas enviadas pela UAb são retidas pela própria instituição de acolhimento.

Face a tudo o que foi anteriormente aduzido, reitera-se que a actual rede de Centros de Apoio, bem como o seu funcionamento, são inadequados aos princípios e aos objectivos do Plano Estratégico da UAb.

¹² Como atrás foi referido, estabeleceu-se um novo protocolo com outra instituição na mesma cidade: ISCIA.

¹³ Vd. protocolo com ISCIA (anexo 2).

II. DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO, LOGÍSTICO E PEDAGÓGICO DAS ESTRUTURAS ALTERNATIVAS AOS ACTUAIS CENTROS DE APOIO

1. Premissas da reestruturação dos Centros de Apoio

A definição de uma nova arquitectura pedagógica, logística e funcional, que reconverte os actuais Centros de Apoio, desenvolver-se-á sobre uma base sustentada de infra-estruturas que adiante serão especificadas. É preciso criar mecanismos, ferramentas e redes acessíveis que permitam levar a “presencialidade” - a “presencialidade” mediada pelas TIC e Internet¹⁴ - a sectores sociais diferenciados e aos mais variados recantos em Portugal e no mundo. Torna-se necessário converter os Centros de Apoio em novas estruturas, que integrem o ensino superior a distância, vocacionadas para os ambientes virtuais de aprendizagem¹⁵.

A aposta estratégica é a da mudança de geração de ensino a distância, passando de um modelo em que se investia nos blocos multimédia previamente concebidos e em que a interacção era periférica para uma virtualização acelerada da Universidade. Ao tempo, uma tutoria personalizada a distância, com recurso ao telefone ou correio, coexistia com uma “descentralização” pedagógica, materializada na tutoria presencial. Ou seja, certas valências dos Centros de Apoio correspondiam ao que hoje pode ser considerado como “confissões” de fraqueza de todo o sistema. A aplicação dos modelos pedagógicos do 1º e 2º ciclos da UAb torna desajustada e anacrónica a tutoria presencial a cargo de docentes das instituições de acolhimento.

A nossa proposta deve contar com o apoio de organizações locais, nomeadamente municípios, cujos territórios possuem uma notável massa populacional e que, até agora, não tenham sido suficientemente “atendidos” pela própria UAb, devido, em boa medida, à ausência de uma base tecnológica.

O vínculo de uma proposta desta natureza às dinâmicas sócio-culturais gera efeitos muito positivos para as entidades locais, pois a formação académica e cultural que podem proporcionar aos seus habitantes consolida os argumentos a favor do desenvolvimento sustentável.

Estes novos procedimentos exigem uma estreita articulação entre a Sede da Universidade, as suas Delegações e os Centros de Apoio. Por um lado, o desenvolvimento educativo, formativo e tecnológico que se pretende atingir requer um protocolo de optimização dos recursos materiais e humanos. Por outro, a definição desse protocolo, de forma a garantir a articulação da nova estrutura funcional, determinará o sucesso ou o fracasso da importante mudança que está a ter lugar na UAb, nomeadamente na sua oferta educacional e na gestão das metodologias de e-learning. Uma gestão moderna, eficaz e homogénea dos futuros Centros não só terá consequências favoráveis nos mesmos como também na Universidade, particularmente no que à imagem institucional se refere - quer perante outras instituições, quer perante a população em geral.

¹⁴ A “presencialidade” típica dos contextos de interacção face-a-face é importante mas imprópria de uma universidade a distância. As novas tecnologias e a Internet permitem criar uma relação pedagógica de qualidade que não obriga à interacção presencial e directa entre os diferentes membros da comunidade académica.

¹⁵ Na sua génese, foram-no, fundamentalmente, de ensino presencial.

Como nos compete pressupor, o funcionamento em rede dos Centros terá significativo impacto financeiro a ser contemplado na construção do novo modelo de financiamento dessas estruturas, sempre com o propósito de garantir os necessários padrões de qualidade para todos os estudantes, independentemente dos cursos que frequentem e dos lugares em que se encontrem (nesta primeira fase, apenas no território nacional).

2. Definição da nova estrutura

Em detrimento de nomenclaturas como “Centros de Recursos” ou “Centros de Apoio”, optou-se pela designação “Centros Locais de Aprendizagem” (CLA).

A concepção de “Centros de Recursos” é restrita e encontra-se muito vinculada, historicamente, à introdução e expansão dos meios audio-visuais no ensino. Por outro lado, estes espaços foram frequentemente percebidos como locais de armazenamento/depósito de materiais educativos. Quanto à designação de “Centros de Apoio”, além da concretização deste projecto na Universidade não ter sido particularmente feliz, a palavra “apoio” remete para “auxílio”, “amparo”, “ajuda”, termos que não se coadunam com a actual orientação estratégica da UAb.

“Centro Local de Aprendizagem” convoca a noção de um espaço onde o estudante desenvolve as suas responsabilidades de aprendizagem, mediada tecnologicamente e promovida no campus virtual. Além disso, valoriza-se a particularidade e a especificidade dos “sítios”, dos locais, pela optimização das iniciativas de âmbito cultural ou outras que venham a ser desenvolvidas.

Os Centros Locais de Aprendizagem são pequenos núcleos vocacionados para a promoção de actividades orientadas pelos princípios da Educação ao Longo da Vida. Neles dinamizam-se acções educativas de âmbito formal, não-formal e informal, dirigidas para o desenvolvimento de competências académicas, profissionais, culturais e cívicas, em diferentes áreas - técnica, artística, cultural, científica ou económica. Estes Centros resultam da criação de parcerias entre a Universidade Aberta e a sociedade civil e local, organizam-se em rede e são coordenados pela própria UAb.

3. Organização dos Centros Locais de Aprendizagem

No âmbito da aplicação de novos métodos de ensino, a UAb, sendo a única Universidade Pública portuguesa de educação a distância, encontrou nas TIC a grande oportunidade de cumprir os seus objectivos, quer na qualidade, eficácia e eficiência dos seus sistemas tradicionais, quer na aplicação de novas metodologias pedagógicas que facilitem a aprendizagem e a transmissão de conhecimentos.

No que aos Centros Locais de Aprendizagem diz respeito, o plano geral de aplicação das novas metodologias e tecnologias no ensino a distância na UAb requer, no entanto, uma actuação em vários níveis e de diversa índole, que em nosso entender é preciso especificar, sob pena de não se atribuir o necessário enquadramento aos pressupostos supramencionados.

O trabalho em rede é uma dimensão fundamental dos CLA. Assim, em cada região existirá uma pequena rede destas estruturas coordenada pelas Delegações. Em futuro

próximo, os CLA poderão ser integrados numa rede internacional de Centros de Aprendizagem¹⁶.

4. Missão e recursos dos Centros Locais de Aprendizagem (CLA)

O modelo dos CLA que propomos baseia-se nos seguintes pressupostos:

- . As mudanças necessárias no domínio da Educação exigem a integração de esforços de diferentes grupos sociais, que conduzam à identificação de novas vias de aprendizagem.
- . É necessário fomentar profundas mudanças na Educação de Pessoas Adultas, sendo prioritária a intervenção enquadrada nas dinâmicas locais e orientada para a aquisição de competências no uso das Tecnologias Digitais.
- . É fundamental diversificar as vias de comunicação entre os estudantes, os potenciais estudantes e a UAb, dando particular ênfase ao uso das TIC e da Internet nos processos de comunicação e aprendizagem.
- . Os CLA devem contribuir para a divulgação e concretização do projecto educativo da UAb, otimizando sinergias educativas e culturais.

Os CLA estão, assim, vocacionados para a intervenção nos seguintes domínios:

- . Suporte logístico e instrumental aos estudantes da UAb.
- . Coordenação e organização logísticas da avaliação presencial dos estudantes da UAb.
- . Divulgação da oferta educativa da UAb e captação de novos públicos.
- . Concepção e dinamização de projectos-piloto de âmbito sócio-cultural, em parceria com as comunidades de acolhimento dos Centros.
- . Promoção de competências no domínio das TIC e da Internet.

Propõem-se para os CLA os seguintes objectivos e acções prioritárias:

Objectivo:

- . Participar na racionalização da estrutura global de funcionamento da UAb, no que ao processo de avaliação presencial diz respeito.

Acções:

- . Identificação de espaços adequados à realização das provas.
- . Formação das respectivas equipas de vigilância.
- . Aplicação do Dispositivo Virtual de Avaliação¹⁷.

¹⁶ Por exemplo, a *Global Development Learning Network*.

¹⁷ Trata-se de um sistema (concretizável a médio prazo) de organizar as provas presenciais, de maneira a que as mesmas sejam compatíveis com um aumento das matérias, devido à implementação de novos planos de estudo, bem como à activação de novos itinerários permitidos pelas TIC. Entendemos que as provas presenciais são garantia de rigor da nossa oferta educativa, e a sua realização nos CLA pode ser feita com maior controlo por parte dos docentes. Actualmente, os exames são enviados em envelopes que se abrem no momento da prova, entregando a cada aluno o seu enunciado de exame. O DIVA consiste em

Objectivo:

- . Favorecer o acesso de amplos sectores populacionais à sociedade da informação e do conhecimento.

Acções:

- . Constituição de equipas que garantam o funcionamento dos CLA.
- . Viabilização de parcerias que assegurem o financiamento dos CLA.
- . Dinamização de acções culturais em estreita articulação com as especificidades locais.
- . Divulgação das acções promovidas pela UAb e pelos próprios CLA, no sentido da captação de novos públicos.

5. Coordenação dos Centros Locais de Aprendizagem

O Coordenador do Centro terá um papel determinante na planificação, organização e dinamização das actividades a desenvolver. O Coordenador dos CLA deverá ser:

- . Seleccionado por consulta pública promovida pela UAb.
- . Remunerado pela UAb.
- . Detentor de uma formação específica pela UAb.

O perfil do Coordenador deverá privilegiar as seguintes dimensões fundamentais:

- . Conhecer as especificidades da Universidade Aberta.
- . Possuir competências em e-learning.
- . Aplicar estratégias de intervenção em âmbitos educativos e culturais.

A coordenação dos CLA deverá ser capaz de:

- . Reconhecer as necessidades dos estudantes de uma universidade a distância.
- . Planificar as actividades anuais a desenvolver.
- . Concretizar os planos de actividades.
- . Representar o Centro.
- . Avaliar e dar resposta aos problemas dos estudantes locais da UAb.
- . Assegurar a gestão e organização dos recursos.
- . Coordenar a execução das actividades “académicas”.
- . Coordenar o serviço de exames da sua área de influência.
- . Pronunciar-se sobre actividades de educação permanente e extensão universitária.

gerar na Sede um CD-ROM (em alternativa, enviar um ficheiro “zipado”) com todas as provas, que se descodifica no Centro, dando a cada aluno o seu exame personalizado. Com este sistema, há que ter em conta que em cada sessão se podem examinar alunos de várias matérias diferentes, ou seja, muito além do que acontece actualmente.

- . Propor a admissão e recondução de colaboradores.
- . Mediar a comunicação entre a UAb e as organizações locais de cultura e de educação.
- . Promover iniciativas conjuntas da UAb e das organizações locais de cultura e de educação.
- . Exercer as demais competências que lhe sejam atribuídas pelos órgãos da Universidade.

Os CLA deverão manter uma ligação directa com as Delegações da UAb. Estas participarão na elaboração dos planos anuais de actividades e na identificação de recursos humanos e materiais necessários aos Centros. Procederão, ainda, à necessária articulação entre as actividades dos CLA e os diferentes órgãos da Universidade.

6. Recursos

Embora constituam pequenos núcleos com uma organização simples, os CLA carecem dos seguintes recursos mínimos capazes de assegurar a prestação de serviços de qualidade:

- A. Infraestruturas de comunicações, imprescindíveis à dinamização da Sociedade da Informação e do Conhecimento.
- B. Intranet que permita a conexão entre os CLA, as Delegações e a Sede.
- C. Centro de documentação, que inclua os materiais obrigatórios propostos pelos diferentes cursos e editados pela Universidade, bem como impressora, fotocopadora e scanner.
- D. Espaços físicos:
 - . Uma sala de recursos tecnológicos para acesso à Internet e, desejavelmente, com acesso a videoconferência.
 - . Uma sala para a biblioteca.
 - . Uma sala para a realização de provas de avaliação presencial.

1. CRIAÇÃO, GESTÃO E FINANCIAMENTO DOS CLA

A criação dos CLA será precedida da celebração de um protocolo entre a UAb e a instituição local de acolhimento.

A gestão dos CLA deverá ser da responsabilidade da UAb, envolvendo a intervenção directa das Delegações do Porto e de Coimbra.

O financiamento dos Centros deverá ser partilhado entre a Universidade Aberta e as entidades locais. Espera-se que a estas últimas caiba a cedência e a manutenção de espaços físicos, assim como de equipamentos básicos para a instalação do Centro.

Por seu lado, competirá à Universidade Aberta o pagamento das despesas relativas ao serviço de exames e ao vencimento do coordenador do Centro. Os custos inerentes à promoção de eventos culturais e educativos e de cursos de curta duração deverão ser partilhados pelas entidades envolvidas na sua organização.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

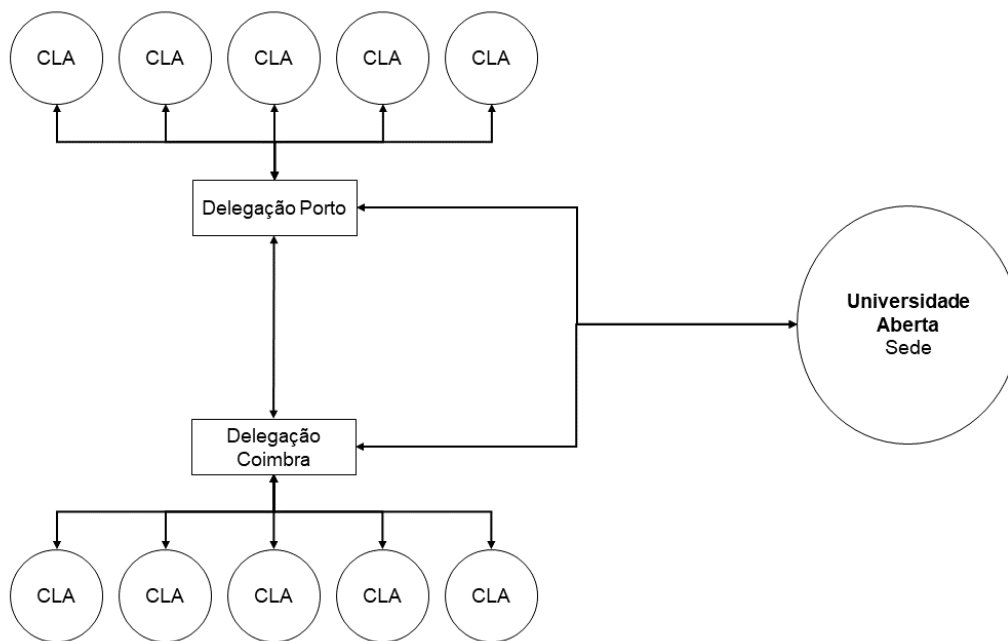
O itinerário do Grupo de Trabalho para a Reestruturação dos Centros de Apoio privilegiou, em primeiro lugar, a análise e reflexão sobre a actual rede de Centros de Apoio e, em segundo lugar, a construção de uma proposta baseada nos CLA.

A presente proposta de Centros Locais de Aprendizagem pretende:

- Contribuir para a aceitação do “e-learning”, como ferramenta vital para encorajar o crescimento da aprendizagem ao longo da vida.
- Corresponder à alteração de paradigma no modo de ensinar e aprender e ao novo posicionamento da UAb no espaço da educação superior em Portugal.
- Favorecer a promoção de parcerias com a “administração pública”, a nível regional e local, e com a sociedade civil – fundações, parceiros sociais e associações locais.
- Tornar as oportunidades de aprendizagem mais acessíveis, promovendo a aprendizagem a pessoas particularmente susceptíveis de exclusão, nomeadamente deficientes, minorias e habitantes do meio rural;
- Fomentar uma cultura de aprendizagem e demonstrar que é indispensável aprender em qualquer idade.
- Aproximar os aprendentes das ofertas de educação e de formação.

Por último, o projecto dos CLA deve ser visto também como uma mudança conceptual - uma mudança de um Centro de Apoio de EaD tradicional (essencialmente como centro multimédia) para Centro de Informação e Aprendizagem característico de EaD de última geração. Esta mudança não incide apenas no aumento de tecnologia, mas especialmente na ênfase dada aos novos métodos de aprendizagem, alterando práticas e objectivos de gestão, estimulando a introdução e utilização prática de “e-learning”.

ANEXO



OS COORDENADORES DOS CLA

PERFIL DO COORDENADOR DOS CLA. ESBOÇO

Domingos Caeiro
Adelaide Costa
Luísa Aires
Maria da Dores Ribeiro
Rosário Cunha

2008

APRESENTAÇÃO

A criação dos Centros Locais de Aprendizagem (CLA) representou para a UAb um marco preponderante na prossecução da sua missão e atribuições, designadamente pelos contributos daí advenientes nas áreas de investigação científica e desenvolvimento tecnológico.

Para o efeito, desempenha um papel determinante na planificação, organização e dinamização das actividades do Centro, o coordenador do CLA, dotado de formação específica e especializada nas áreas de intervenção do CLA.

O perfil do coordenador dos CLA surge da conjugação de competências de natureza técnica, tecnológica e de investigação. As funções de organização, coordenação, desenvolvimento e avaliação de projectos, complementam-se com funções de pesquisa e análise de informação. Estas competências permitirão, ao Coordenador, identificar e monitorizar as necessidades dos estudantes da UAb; planificar, organizar e dinamizar actividades académicas, culturais e de desenvolvimento científico; mediar o processo de comunicação entre os estudantes e os diferentes sectores da Universidade. O Coordenador, além de ter de conhecer as particularidades do projecto educativo e da estratégia da Universidade Aberta, deverá ainda ser capaz de:

- . Desenhar, desenvolver e coordenar projectos.
- . Intervir em âmbitos educativos e culturais.
- . Desenvolver competências relacionais e de comunicação com os estudantes e o público em geral.
- . Promover competências básicas em TIC e e-learning.
- . Gerir os recursos humanos e materiais disponíveis.

Sendo o representante da UAb no projecto de desenvolvimento para os CLA, o coordenador deve participar activamente na criação e consolidação da cultura de grupo dos estudantes locais, facilitando a realização de trabalhos de investigação tendentes à obtenção de graus académicos, de experimentação ou transferências de saber, estágios curriculares, estágios profissionais, encontros e debates. A sua capacidade de criação e consolidação de parcerias será, também, um elemento decisivo para a criação, desenvolvimento e reconhecimento do CLA, como núcleo emergente das dinâmicas sociais, educativas e científicas locais.

A autonomia na gestão e desenvolvimento de projectos de natureza cultural, científica e formativa, a promoção de parcerias e a resolução de problemas da comunidade de estudantes da sua área de abrangência, a organização e o controlo de recursos, são competências básicas para o desenvolvimento de um amplo espectro de actividades, das quais se destacam:

- . Representação do Centro;
- . Planeamento das actividades dos CLA;
- . Avaliação e resposta aos problemas dos estudantes locais da UAb;
- . Coordenação e execução das actividades académicas;
- . Coordenação do serviço de exames da sua área de influência;
- . Proposta de actividades de Aprendizagem ao Longo da Vida;

- . Proposta de admissão e recondução de colaboradores;
- . Proposta e desenvolvimento de projetos nas áreas de incidência dos CLA;
- . Mediação e promoção de iniciativas conjuntas entre a UAb e organizações locais de cultura, educação, dos media, empresas, associações profissionais.

As competências e as acções atribuem ao Coordenador o papel de um técnico de nível superior, capaz de, por um lado, assegurar uma mediação eficiente entre as organizações locais, os estudantes e o aprofundamento da cultura científica e académica da UAb e, por outro lado, interpretar e comunicar, com a minúcia do investigador, as necessidades formativas e culturais da comunidade de acolhimento do CLA.

SELEÇÃO DO COORDENADOR DOS CLA: GUIÃO DA ENTREVISTA

Domingos Caeiro
Adelaide Costa
Luísa Aires
Maria da Dores Ribeiro
Rosário Cunha

2008

OBJECTIVOS	PERGUNTAS
Conhecer os motivos da candidatura	<p>Porque se candidata a coordenador do Centro Local de Aprendizagem da P. da Vitória?</p> <p>Como teve acesso à informação sobre esta candidatura?</p>
Explorar as concepções do candidato sobre a Universidade Aberta e, em particular, o e-learning	<p>Conhece algum curso leccionado pela Universidade Aberta?</p> <p>Na sua opinião, o que diferencia a UAb das restantes universidades públicas?</p> <p>O que pensa do e-learning no Ensino Superior?</p>
<p>Avaliar o conhecimento do candidato sobre as dinâmicas culturais e educativas de Praia da Vitória .</p> <p>Explorar potencialidades do candidato para a dinamização sociocultural, no âmbito do CLA de P. da Vitória.</p>	<p>Que linhas prioritárias de acção sociocultural definiria, neste momento, para o Centro Local de Praia da Vitória?</p> <p>Que entidades poderiam integrar uma potencial rede local de conhecimento?</p> <p>Qual seria o papel do Coordenador do Centro nesta rede?</p>
Conhecer reflexão do candidato sobre as suas experiências anteriores para o desempenho da coordenação do C.L.A.	Das experiências pessoais e profissionais que viveu, qual/is delas considera importantes para o desempenho da função de Coordenador do CLA?

Nome:

Parâmetros de Avaliação:

PONTUAÇÃO	(20 VALORES)	(15 VALORES)	(10 VALORES)	SUB-TOTAL
Qualidades intelectuais	Sentido crítico apurado e vivacidade de espírito. Clareza, profundidade e grande pertinência as ideias.	Bom sentido crítico. Desenvoltura. Clareza e pertinência das ideias.	Escasso sentido crítico, apático e confuso.	
Atitude profissional	Fortemente motivado. Grande interesse e dinamismo. Elevada percepção do cargo a desempenhar.	Motivado. Interessado e dinâmico. Razoável percepção do cargo a desempenhar.	Escassamente motivado. Pouco interessado e pouco activo. Deficiente percepção do cargo a desempenhar.	
Contacto e comunicação	Transmissão de ideias com assinalável espontaneidade. Discurso excepcionalmente bem estruturado, fluente e claro	Transmissão de ideias com espontaneidade. Discurso bem estruturado, fluente e claro.	Escassa espontaneidade na transmissão de ideias. Discurso pouco estruturado, pouco fluente e com falta de clareza.	
Cultura geral	Cultura geral excepcionalmente valiosa e muito ampla na sua diversidade, ajustando-se plenamente às exigências do cargo	Cultura geral bastante valiosa e bastante diversificada, ajustando-se plenamente às exigências do cargo.	Cultura geral valiosa, diversificada e ajustada às exigências do cargo.	
TOTAL				

FORMAÇÃO DOS COORDENADORES DOS CLA

Domingos Caeiro
Adelaide Costa
Luísa Aires
Maria da Dores Ribeiro
Rosário Cunha

2008

Curso de Formação Online de Formadores dos CLAs

Avaliação

Na breve formação de formadores para os CLA's, adoptou-se uma modalidade de avaliação contínua e qualitativa. Esta avaliação foi realizada a partir dos seguintes instrumentos:

1. Trabalhos individuais
2. Participação nas discussões
3. Sínteses e moderações (em alguns casos)

Parâmetros de Avaliação

1. Trabalhos individuais (70%)

Os trabalhos foram avaliados em função dos seguintes parâmetros:

- (1) Capacidade de reflexão e de análise crítica sobre os temas propostos.
- (2) Capacidade de análise de situações práticas e consequentes propostas de intervenção.
- (3) Capacidade de síntese.

2. Participação nas discussões (30%)

Participação	Crítérios de Avaliação	Qualificação
Conteúdo	1. Participação reduzida	Suf.
	2. Contribui com intervenções que revelam a identificação das ideias centrais na bibliografia indicada.	Bom
	3. Comenta as perspectivas dos colegas e contribui com novos pontos de vista.	Bom
	4. Apresenta novas ideias, resultantes de pesquisa pessoal, que contribuem para a progressão da discussão.	Bom c/ Distinção
Modo de participação	5. Incentiva os colegas a participarem e investe na coesão do grupo	Bom

3. Sínteses e moderações (em alguns casos)

- (1) Capacidade de distinção do essencial e acessório.
- (2) Capacidade de síntese.
- (3) Capacidade de mobilização do grupo
- (4) Incentivo à coexistência de opiniões diversas.

FORMAÇÃO DE COORDENADORES CLA

Universidade Aberta, 11 de Novembro de 2008

Caro/a Coordenador/a

Depois de concluído o Curso de Formação de Coordenadores dos CLA, gostaríamos de contar com a sua avaliação sobre o referido curso. Para o efeito, solicitamos-lhe o preenchimento, anónimo, deste questionário e o posterior envio para a Dr^a Graça Nunes, (Delegação de Coimbra da Universidade Aberta, Rua Alexandre Herculano, nº 52, 3000-019 Coimbra).

I – Formação Presencial

1. Indique o seu grau de satisfação com a formação presencial:

(assinale com um X no rectângulo, sendo que o nível 1 corresponde a Insatisfeito, 2- Pouco satisfeito, 3- Satisfeito, 4- Muito Satisfeito)

1	2	3	4
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. Apresente os seus comentários e sugestões sobre a formação presencial.

II - Formação Online

3. Indique o seu grau de satisfação com a formação *online*:

(assinale com um X no rectângulo à direita, sendo que o nível 1 corresponde a Insatisfeito, 2- Pouco satisfeito, 3- Satisfeito, 4- Muito satisfeito)

1	2	3	4
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. Apresente os seus comentários e sugestões sobre a formação online.

Obrigado pela sua colaboração.

G. T. CLA

UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO DE ESTUDOS DO LOCAL

Domingos Caeiro
Adelaide Costa
Luísa Aires
Rosário Cunha

Apresentação da Unidade de Investigação Estudos do Local

Natureza

A Unidade de Investigação em Estudos do Local, adiante designada UIEL, é uma unidade móvel de investigação, criada no âmbito do Instituto Coordenador de Investigação e que se articula com a Unidade de Missão dos Centros Locais de Aprendizagem, adiante designada UMCLA.

A UIEL foi criada para concretizar uma das atribuições da UMCLA, de acordo com o despacho reitoral 400/R/2009, concretamente a de desenvolver projectos de investigação em áreas prioritárias dos CLAs. A UIEL está, assim, vocacionada para a realização de investigação-acção no âmbito das problemáticas do local, procurando congregiar investigadores de diversas áreas do saber com vista à elaboração de estudos multi e transdisciplinares.

Objectivos Gerais

A UIEL tem como objectivos gerais:

- . Contribuir para o desenvolvimento da investigação científica e do desenvolvimento local, através da realização de projectos de investigação-acção, colectivos ou individuais, em parceria com instituições e actores sociais locais.
- . Desenvolver investigação científica aplicada, numa perspectiva multi e transdisciplinar;
- . Proporcionar um espaço para o diálogo e desenvolvimento de projectos entre investigadores das ciências sociais e humanas, ciências exactas e tecnológicas.
- . Apoiar a formação superior avançada dos Coordenadores dos CLAs e dos estudantes da UAb.
- . Criar redes nacionais e internacionais de cooperação científica e tecnológica entre investigadores, universidades, centros de investigação e empresas;
- . Promover a publicação e edição de trabalhos científicos e a produção de conteúdos para os media digitais sobre as problemáticas do local.

Composição

1. São membros efectivos da UIEL os elementos da UMCLA (de acordo com o expresso no já referido despacho 400/R/2009), bem como os coordenadores dos Centros Locais de Aprendizagem, tal como consta na lista de membros da equipa a contratar, inserida no Projecto de Desenvolvimento/Investigação dos CLAs homologado pelo Senhor Reitor.
2. A categoria de investigadores colaboradores será aplicada a:
 - a. Professores da UAb que participem no programa de actividades da UIEL
 - b. Professores de outras Instituições Universitárias que integrem as Unidades de Investigação com parcerias estabelecidas com a UIEL
 - c. (através da Reitoria da Universidade Aberta)
 - d. Eventuais bolseiros de investigação recrutados nas diversas áreas científicas em que se projecta desenvolver pesquisas.

3. A categoria de investigador efectivo não implica o estabelecimento de um vínculo de pertença exclusiva à UIEL que seja incompatível com a integração ou colaboração em outras unidades de Investigação.

Competências dos Membros Efectivos

Compete aos membros efectivos da UIEL:

- a. Promover o estabelecimento de parcerias entre a UIEL (através dos órgãos competentes da Universidade Aberta) e Centros de Investigação, com vista a desenvolver projectos de pesquisa nas áreas territoriais dos Centros Locais de Aprendizagem ou sobre essas áreas.
- b. Coordenar ou acompanhar os trabalhos dos projectos de investigação desenvolvidos no interior da UIEL ou que resultem das parcerias enunciadas na alínea anterior.
- c. Organizar pesquisa a ser concretizada pelos coordenadores dos CLAs e por estudantes de Pós-Graduação da UAb, em áreas identificadas no Projecto de Desenvolvimento/Investigação, desde que estejam adequadas às competências científicas de cada membro.
- d. Promover formações pós-graduadas com pertinência identitária para as autarquias onde estão sedeados os CLA.

Organização

A UIEL tem um coordenador responsável, designado pelo Reitor, de entre os seus membros efectivos.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO DOS CLA

2010-2016

Domingos Caeiro
Adelaide Costa
Luísa Aires
Rosário Cunha

2010

1. Identificação do projecto

Referência do projecto

PDCLA. 2010-1016

Área

Políticas da Educação e Ciência: desenvolvimento local e societário

Título do projecto

Projecto de Desenvolvimento dos Centros Locais da Universidade Aberta, 2010-2016

- . Palavra-chave 1: Desenvolvimento Local e Societário
- . Palavra-chave 2: Aprendizagem ao Longo da Vida
- . Palavra-chave 3: Rede
- . Palavra-chave 4: “Glocalização”

Data de início do projecto: 01.09.2010

Duração do projecto em meses: 72

2. Instituições envolvidas

- . Universidade Aberta
- . Câmara Municipal de Abrantes
- . Câmara Municipal de Cantanhede
- . Câmara Municipal de Coruche
- . Câmara Municipal de Grândola
- . Câmara Municipal de Mêda
- . Câmara Municipal de Peso da Régua
- . Câmara Municipal de Ponte de Lima
- . Câmara Municipal de Praia da Vitória
- . Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz
- . Câmara Municipal de Ribeira Grande
- . Câmara Municipal de S. João da Madeira
- . Câmara Municipal de Sabugal
- . Câmara Municipal de Silves

A partir de 2011:

- . Câmara Municipal de Mangualde
- . Câmara Municipal de Mirandela
- . Câmara Municipal de Nazaré

Instituição Proponente

Universidade Aberta (UAb)

NIF: 502110660

Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 LISBOA

Instituições Participantes

- . Câmara Municipal de Abrantes
- . Câmara Municipal de Cantanhede
- . Câmara Municipal de Coruche
- . Câmara Municipal de Grândola
- . Câmara Municipal de S. João da Madeira
- . Câmara Municipal de Mêda
- . Câmara Municipal de Peso da Régua
- . Câmara Municipal de Ponte de Lima
- . Câmara Municipal de Praia da Vitória
- . Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz
- . Câmara Municipal de Ribeira Grande
- . Câmara Municipal de Sabugal
- . Câmara Municipal de Silves

A partir de 2011:

- . Câmara Municipal de Mangualde
- . Câmara Municipal de Mirandela
- . Câmara Municipal de Nazaré

Unidade Proponente

Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem da Universidade Aberta

Instituição de Acolhimento

Universidade Aberta

3. Componente científica

3.1. Sumário

Este projecto tem na sua génese um duplo objectivo que tende a concretizar-se nas duas características que o definem. É, antes de mais, um projecto de acção com vista a desenvolver e a consolidar os Centros Locais de Aprendizagem, núcleos que, a par das Delegações, integram os serviços desconcentrados da Universidade Aberta, previstos na sua estrutura orgânica e em funcionamento progressivo desde Setembro de 2008. Em simultâneo, trata-se de um projecto de investigação na área de *Desenvolvimento local* e societário porque a sistemática monitorização das iniciativas, práticas e áreas de intervenção dos CLA corresponde ao corpus da pesquisa a realizar.

O programa de trabalho congrega quatro vectores sintetizáveis nos verbos preservar, apostar, avaliar, investigar:

- a. preservar o (bom) funcionamento de uma estrutura já criada e reputada de essencial para a operacionalização da política educativa e da logística da UAb;
- b. apostar, em cada uma das fases do programa, em eixos prioritários de acção, de acordo com as funções atribuídas à rede dos CLA;
- c. avaliar todo o processo com vista à activação de medidas de melhoramento ou de reorientação das estratégias adoptadas;

- d. investigar sobre (e em) áreas de intervenção dos CLA.

Uma vez que este projecto não parte *ex nihilo* mas está condicionado por políticas institucionais, por três anos e meio de trabalho a cargo de um grupo de docentes da UAb, por uma série de medidas de criação e fomento destas estruturas e pela acção no terreno dos coordenadores dos CLA, inicia-se esta candidatura com um tópico onde se sistematiza o histórico do evoluir de todo o processo até ao momento e se justifica a pertinência do investimento, em novos moldes, na sua continuação.

3.2. Bases de sustentação do Projecto

3.2.1. Caracterização do panorama actual

- a) Opções estratégicas da UAb no quadriénio 2010-2013

Entre as grandes prioridades estratégicas que estiveram na base das opções de desenvolvimento para a Universidade Aberta no quadriénio 2006-2010, figura a “re-identificação institucional” ou, por outras palavras, a reformulação da identidade que lhe é própria enquanto instituição universitária. A necessidade desta reformulação decorre de duas circunstâncias distintas, mas que entre si mantêm uma íntima relação: se, por um lado, o actual paradigma político exige das diferentes instituições de ensino universitário a responsabilidade que se traduz num efectivo comprometimento no progresso económico e social do país, nomeadamente contribuindo para o aumento dos níveis de formação superior da população, por outro lado, o facto de ser a única Universidade pública de ensino a distância exige da Universidade Aberta a afirmação de uma originalidade que lhe permita responder de forma privilegiada à exigência atrás referida. Com efeito, o Modelo Pedagógico que recentemente criou e os instrumentos tecnológicos que o suportam constituem a única via de acesso ao ensino superior para públicos normalmente excluídos da sua frequência. Isto é: públicos adultos e geograficamente dispersos, muitas vezes com responsabilidades familiares e já inseridos na vida activa.

As opções estratégicas da Universidade Aberta para o quadriénio 2010-2013, os objectivos que persegue e as acções concretas que daqui decorrem não se limitam, porém, ao âmbito dos cursos formais, tradicionalmente oferecidos pelas Universidades presenciais, mas elegem também a valorização de “competências e saberes adquiridos pela via de aprendizagens não-formais e de aprendizagens informais, suscetíveis de certificação para frequência de estudos superiores e integráveis em programas de aprendizagem ao longo da vida”¹⁸. Neste sentido, é fundamental que a Universidade Aberta se mantenha atenta aos desejos e necessidades das populações, que participe ampla e activamente no movimento de aproximação entre a instituição universitária e as comunidades, que se afirme como instrumento privilegiado no esbatimento das assimetrias de que, em termos de desenvolvimento sustentado, são objecto as

¹⁸ Cf. Programa Específico de Desenvolvimento da Universidade Aberta 2010-2013, p. 3.

regiões do interior do País. É neste contexto que os Centros Locais de Aprendizagem, através das diferentes valências que possuem, se perfilam como o meio mais eficaz de resposta à responsabilidade social que em parte se traduz nos objectivos ainda agora mencionados.

b) A Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem

O projecto dos Centros Locais de Aprendizagem funciona, desde a sua génese, na dependência directa da Reitoria da UAb. Em 2007, o Despacho N° 7/R/2007 criou o *Grupo de Trabalho para os Centros Locais de Aprendizagem*, sob a responsabilidade do Pró-Reitor para os Assuntos Académicos e Extensão Universitária. Em 2009, este *Grupo de Trabalho* viria a transformar-se, pelo Despacho n°400/R/2009, em *Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem* (UMCLA), coordenada pelo Vice-Reitor responsável por esta área.

A *Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem* tem as seguintes atribuições:

- . definição de estratégias de desenvolvimento dos CLA e de formação dos seus coordenadores;
- . promoção de parcerias com entidades e organismos diversos;
- . mediação da presença da UAb em eventos de natureza cultural e científica;
- . participação em observatórios e conselhos consultivos locais;
- . realização de estimativas de custos associados ao funcionamento dos CLA;
- . supervisão dos CLA, bem como formação, suporte e monitorização da acção dos respectivos coordenadores, no *campus* virtual da UAb (plataforma Moodle).

A ligação entre os CLA e a *Unidade de Missão* que os coordena está dependente de uma permanente e activa relação de proximidade, envolvendo os membros desta *Unidade* e os coordenadores. Tal proximidade e presencialidade são desenvolvidas no Espaço Online de Coordenação dos CLA, criado no Moodle da UAb, assumindo-se a perspectiva de desenvolvimento de uma Comunidade de Prática¹⁹.

Os CLA mantêm, ainda, uma ligação directa às Delegações da UAb. Os directores das Delegações, membros da *Unidade de Missão* para os CLA, participam na elaboração dos planos anuais de actividades e na identificação de recursos humanos e materiais necessários aos Centros. Procedem também à necessária articulação entre as actividades dos CLA e a *Unidade de Missão*.

c) Os Centros Locais de Aprendizagem: conceito, fundamentos e estrutura

Os Centros Locais de Aprendizagem correspondem actualmente a estruturas disseminadas pelo território nacional²⁰, tendentes a construir uma malha geograficamente coerente, e resultam do estabelecimento de parcerias entre a UAb e a sociedade civil e local (até ao momento, em exclusivo, os municípios).

¹⁹ Wenger, 1998.

²⁰ Consultar o mapa em Anexo.

Os *CLA* fundamentam-se nos seguintes pressupostos:

- . as mudanças necessárias no domínio da Educação Superior exigem a integração de esforços de diferentes grupos sociais, que conduzam à identificação de novas vias de aprendizagem;
- . é necessário fomentar profundas mudanças na Educação de Pessoas Adultas, sendo prioritária a intervenção enquadrada nas dinâmicas locais e orientada para a aquisição de competências no uso das Tecnologias Digitais;
- . é fundamental diversificar as vias de comunicação entre os estudantes, os potenciais estudantes e a UAb, dando particular ênfase ao uso das TIC e da Internet nos processos de comunicação e aprendizagem;
- . a divulgação e concretização do projecto educativo da UAb exige, também, parcerias com a sociedade local e civil, via por excelência para a optimização de sinergias educativas e culturais.

O articulado dos protocolos que instituem as parcerias é inequívoco: confere às Câmaras Municipais atribuições ao nível das infra-estruturas e dos equipamentos identificados como necessários à realidade física *CLA*; concede à UAb completa autonomia e responsabilidade na concepção e gestão do Centro, consubstanciada, em primeira instância, na selecção, remuneração e formação do respectivo coordenador.

A criação dos Centros Locais de Aprendizagem faz-se em sintonia e em sincronia com a corrente de virtualização estruturante da UAb e, ao longo de dois anos de funcionamento, os *CLA* têm vindo a assumir um papel importante na concretização do Projecto Educativo da Universidade.

Na base da implementação dos *CLA* convergem as seguintes linhas estratégicas, assentes no desempenho dos seus coordenadores - os representantes da Universidade que fisicamente se encontram mais próximos dos estudantes e da comunidade local:

- . uniformizar e consolidar práticas e rotinas norteadas pelo profissionalismo e pela eficácia, no que se refere ao suporte logístico e instrumental aos estudantes residentes na área, à coordenação do processo de avaliação presencial e à divulgação da oferta educativa da UAb e da especificidade do seu sistema de ensino-aprendizagem;
- . promover sinergias sócio-culturais, educativas e cívicas, enquadradas nas dinâmicas locais e respeitando as especificidades da respectiva zona de influência.

Actualmente, a rede é constituída por 13 Centros Locais de Aprendizagem, prevendo-se, a curto prazo, a sua expansão para 17.

c.1) O coordenador dos *CLA*

O coordenador do Centro tem um papel determinante na planificação, organização e dinamização das actividades a desenvolver. É membro da

Universidade Aberta e tem formação específica. O coordenador dos CLA identifica e monitoriza as necessidades dos estudantes da UAb; planifica e organiza actividades académicas e culturais; medeia o processo de comunicação entre todos os agentes envolvidos na rede.

O perfil do coordenador desenvolve-se a partir das seguintes vertentes fundamentais:

- . conhecimento da Universidade Aberta;
- . competências relacionais e de comunicação com o público em geral;
- . competências na coordenação de projectos;
- . competências de intervenção em âmbitos educativos e culturais;
- . competências na dinamização sociocultural;
- . competências em e-learning.

Este perfil profissional actualiza-se num espectro amplo de actividades, das quais destacamos:

- . construir e concretizar os planos de actividades dos CLA;
- . representar o Centro;
- . avaliar e dar resposta aos problemas dos estudantes locais da UAb;
- . assegurar a gestão e organização dos recursos;
- . coordenar a execução das actividades académicas;
- . coordenar o serviço de exames da sua área de influência;
- . pronunciar-se sobre actividades de Aprendizagem ao Longo da Vida e extensão universitária;
- . propor a admissão e recondução de colaboradores;
- . mediar a comunicação e promover iniciativas conjuntas entre a UAb e as organizações locais de cultura e de educação;
- . exercer as demais competências que lhe sejam atribuídas pelos órgãos da Universidade.

c.2) Recursos dos CLA

Embora constituam pequenos núcleos com uma organização simples, os CLA carecem dos seguintes recursos mínimos capazes de assegurar a prestação de serviços de qualidade:

- . infra-estruturas de comunicações, imprescindíveis à dinamização da Sociedade da Informação e do Conhecimento;
- . intranet que permita a conexão entre os CLA, as Delegações e a Sede;
- . centro de documentação, que inclua os materiais obrigatórios propostos pelos diferentes cursos e editados pela Universidade, bem como impressora, fotocopiadora e *scanner*.

Espaços físicos:

- . sala de recursos tecnológicos para acesso à Internet e, desejavelmente, com acesso a videoconferência;
- . sala para a biblioteca;
- . sala para a realização de provas de avaliação presencial;
- . espaço para a realização de eventos culturais e académicos.

c.3) Criação, gestão e financiamento dos CLA

A criação dos CLA é precedida da celebração de um protocolo entre a UAb e a instituição local de acolhimento. A gestão dos CLA é da responsabilidade da UAb, envolvendo a intervenção directa da Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem e das Delegações do Porto e de Coimbra.

c.4) Financiamento

O financiamento dos Centros é partilhado entre a Universidade Aberta e as entidades locais. A estas últimas cabe a cedência e a manutenção de espaços físicos, assim como de equipamentos básicos para a instalação e funcionamento do Centro. Por seu lado, compete à Universidade Aberta o pagamento das despesas relativas ao serviço de exames e à remuneração e vencimento do coordenador do Centro. Os custos inerentes à promoção de eventos culturais e educativos e de cursos de curta duração deverão ser partilhados pelas entidades envolvidas na sua organização.

3.2.2. Justificação da pertinência da apresentação do projecto

a) Importância estratégica da rede dos CLA

No documento *A Universidade Aberta: perspectivas de desenvolvimento* pode ler-se que “a UAb é hoje uma universidade bem diferente da que existia em 2006!”

Certos da complexidade dos fenómenos que interferem nos processos de inovação em âmbito institucional e, em particular, nas Universidades, entendemos também que um processo de mudança com tal dimensão só seria possível com a participação de todos os agentes pertencentes à UAb. No entanto, no que aos Centros Locais de Aprendizagem diz respeito, arriscamo-nos a afirmar que a sua acção, nos últimos dois anos, teve impacto nas quatro grandes prioridades estratégicas definidas pelo Reitorado de então - *Re-identificação institucional, Desenvolvimento e inovação, Abertura e Cooperação*:

- I. *Re-identificação institucional* - A estrutura que precedeu a criação dos Centros Locais de Aprendizagem foi a rede de Centros de Apoio, em funcionamento desde 1989. Esta rede baseava-se em protocolos celebrados com instituições predominantemente de ensino superior. Os princípios que norteavam este protocolos foram sendo desvirtuados

ao longo de vinte anos e resultaram num descompromisso, frequentemente recíproco, de direitos e deveres das entidades envolvidas. O resultado mais marcante deste processo foi visível em procedimentos adoptados na coordenação e realização de exames finais presenciais da UAb que aquelas instituições asseguravam. A celebração de parcerias com a “sociedade civil”, o reenquadramento da relação dos estudantes com a Universidade e a aplicação de bons procedimentos na coordenação e realização de exames finais presenciais, dinâmicas desenvolvidas pelos CLA, introduziu mudanças identitárias na cultura da Universidade.

II. *Desenvolvimento e Inovação* - As parcerias celebradas com Câmaras Municipais, associações culturais, profissionais e cívicas têm resultado na identificação de novas necessidades e novos públicos que, no futuro, podem ter um forte impacto nos processos de desenvolvimento e inovação da UAb. Projectos como a rede de *Observatórios para a Literacia e Inclusão Digital*, em que a *Unidade de Missão* participa, podem assegurar um papel social e inovador na promoção da literacia digital e na definição de políticas e boas práticas neste âmbito.

III. *Abertura e Cooperação* – A Universidade Aberta, sendo a Universidade Pública Portuguesa de Educação a Distância, não pode deixar de conjugar a ambição de marcar presença no ciberespaço deslocalizado, com a exigência democrática de privilegiar e desenvolver as dinâmicas de comunidades locais, frequentemente subalternizadas no acesso a bens culturais e educativos. A presença dos CLA, orientada pelos princípios de Abertura e Cooperação, é uma estratégia central no redimensionamento da Universidade com a realidade portuguesa e internacional.

Os referidos princípios e acções são aprofundados no quadro do actual Reitorado, através das estratégias de Abertura, Flexibilidade e Organização em Rede.

A *flexibilidade*, a valorização de competências e saberes e a organização em rede fazem parte da matriz fundacional dos CLA e, por consequência, estão presentes nas acções que promovem, na relevância atribuída às culturas locais e na dinâmica de funcionamento da Unidade de Missão que os coordena. Um exemplo marcante do que é referido pode ser observado na estratégia adoptada pela *Unidade de Missão* para a formação contínua e monitorização dos coordenadores dos CLA: a Comunidade de Prática online em desenvolvimento no *campus* virtual da UAb.

A tradução destes princípios em projectos e acções concretas terá, a breve prazo, impacto nas comunidades locais onde os CLA estão situados, em particular nas comunidades afastadas dos principais pólos urbanos do País.

b) Lacunas actuais da rede dos CLA

Após uma análise conjunta levada a cabo pelos membros que integram a *Unidade de Missão* e pelos coordenadores dos CLA, foram identificadas, ao fim de dois anos de funcionamento da maioria dos Centros, as seguintes fragilidades:

1. cobertura incompleta do território nacional;
2. inadequadas infra-estruturas no terreno em vários concelhos, nomeadamente no que às condições físicas de realização de provas diz respeito;
3. logística de exames pesada;
4. deficientes circuitos de comunicação entre os CLA e os diferentes sectores da UAb.

c) Justificação do horizonte temporal de seis anos

Um projecto de desenvolvimento de uma ampla rede, como é o caso dos CLA, e com a diversidade de parcerias e de âmbitos de acção que envolve, tem de ser perspectivado em períodos temporais de média duração. Por esta razão, entendemos que o projecto de incremento e aperfeiçoamento desta rede não deve ser dimensionado e programado para um horizonte temporal inferior a 6 anos.

3.3. Plano de desenvolvimento

3.3.1. Objectivos

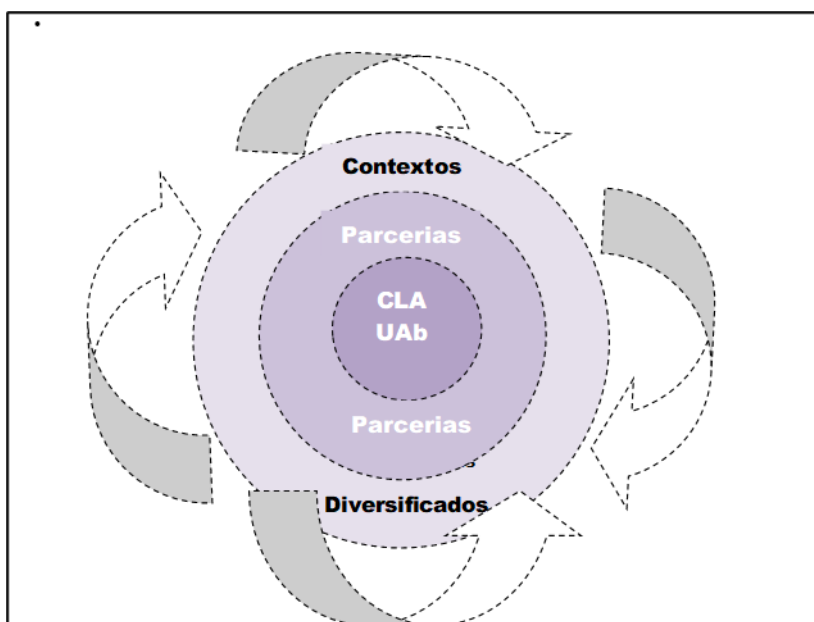
- . Consolidar canais de comunicação entre a rede dos CLA e os serviços centrais da UAb, privilegiando o apoio sólido e amplo aos estudantes e formandos, seja através da dinamização de acções de natureza científica, académica ou sócio-cultural, seja através da garantia de boas práticas de avaliação.
- . Ampliar a rede de colaboração interinstitucional, de âmbito local e nacional, com vista ao alargamento da acção dos CLA e a uma maior proximidade das iniciativas dos CLA às necessidades locais.
- . Desenvolver estratégias de planificação e dinamização de actividades de âmbito académico, científico e sócio-cultural, em estreita articulação com os Departamentos.
- . Desenvolver dinâmicas orientadas para a promoção da Inclusão Digital, através da participação na Rede Ibérica de Observatórios para a Literacia e Inclusão Digital, entre outras.
- . Criar dinâmicas orientadas para a Empregabilidade e Aprendizagem ao Longo da Vida, através do envolvimento directo dos Departamentos da UAb, da UALV e das organizações e actores locais.

3.3.2. Premissas

Dando primazia às dinâmicas do local e da colaboração institucional, a vocação académica, científica e sociocultural da rede dos CLA exige a adopção de estratégias de planeamento típicas de sistemas abertos e complexos.

Fortemente condicionada pelas problemáticas e particularidades do desenvolvimento local e pela grande diversidade de actores que nelas participam, a rede dos CLA orienta-se por um conjunto de vectores estratégicos que privilegiam, para o horizonte temporal de 2010-2016, os seguintes âmbitos de acção:

- . Institucional
- . Interinstitucional
- . Académico
- . Cultural, Educativo e Social.



3.3.3. Fases e tarefas

Durante cada fase de desenvolvimento do projecto será atribuído o estatuto de prioritária e experimental (e pontualmente embrionária) a determinadas áreas de intervenção, sem descurar a melhoria do desempenho das funções atribuídas aos membros da Unidade de Missão, aos coordenadores e a uma assistente técnica, bem como a melhoria dos processos de relacionamento com os serviços da UAb e com as entidades locais. Os domínios embrionários e experimentais

passam a prioritários numa das etapas seguintes, se os resultados obtidos na fase embrionária assim o justificarem.

A designação das fases, que têm a periodicidade anual coincidente com os anos lectivos, não resulta de um juízo de valor hierarquizante nem é, tão pouco, ilustrativa do conjunto de funções consideradas nucleares nesse período. Sendo impossível um título sintetizar a multiplicidade de actividades simultâneas dos CLA, optou-se por dar relevo às acções estruturantes com vista ao reforço institucional desta rede.

No ponto 3.3.3.2. apresenta-se um quadro com a discriminação das áreas de intervenção e de todas as acções, incluindo as designadas como consolidação.

No período 2013-2016 inclusive, a definição das áreas de intervenção poderá ser reajustada, em função das opções estratégicas da UAb e dos parceiros da rede dos CLA, dos diagnósticos locais e da avaliação da rede dos CLA.

3.3.3.1. Fases do projecto

DESIGNAÇÃO DA FASE 1		
Rede nacional dos CLA		
DATA DE INÍCIO	DATA DE FIM	DURAÇÃO (EM MESES)
01-09-2010	31-08-2011	12
Descrição do conjunto de tarefas e resultados esperados		

Área prioritária

- . Alargar a rede nacional dos CLA.
- . Resultados esperados: abertura dos CLA de Mangualde, Mirandela e Nazaré.

Áreas experimentais

. Lançar as bases da criação das Autarquias UAb, recorrendo às seguintes estratégias:

- a) promover um encontro entre os responsáveis municipais, a Unidade de Missão e os coordenadores dos CLA; b) sensibilizar os parceiros para o carácter precário e não operacional de muitos espaços físicos previstos nos protocolos assinados.

- a. Resultados esperados - resposta positiva dos parceiros às propostas apresentadas.
- b) Desenvolver competências TIC, a nível municipal (não minimizando grupos de potenciais alunos).
 - a. Resultados esperados: acções de formação para o desenvolvimento de competências em TIC que congreguem as autarquias e os CLA.
- c) Desenvolver competências no âmbito da cidadania e do desenvolvimento sustentável.
 - a. Resultados esperados: acções de formação para o desenvolvimento de competências nos âmbitos referidos.
- d) Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social
 - a. Resultados esperados: Identificação de necessidades de educação e formação no âmbito municipal

Áreas embrionárias

- . Estabelecer as primeiras parcerias com vista à criação da rede internacional dos CLA.
 - Resultados esperados: abertura do CLA de Rianxo (Galiza).
- . Testar e adequar a “mala virtual” às especificidades do modelo pedagógico da UAb e dos CLA.
 - Resultados esperados:
 - a) identificação das facilidades/dificuldades sentidas no terreno pelos coordenadores e vigilantes nos CLA em que a experiência²¹;
 - b) optimização dos procedimentos de avaliação presencial da UAb
- . Desenvolver investigação, privilegiando as seguintes áreas: Literacia Digital, no âmbito da Rede Ibérica OLID; Empregabilidade; Aprendizagem ao Longo da Vida; Memória local.
 - Resultados esperados: início de projectos de investigação sobre os temas propostos, quer sob a forma de investigação individual (teses de doutoramento e de mestrado de estudantes da UAb), quer sob a forma de grupos de pesquisa organizados.

²¹ Este processo de avaliação terá de ser complementado, a nível central, com avaliação ao impacto nos serviços e no corpo docente.

DESIGNAÇÃO DA FASE 2

Rede de Autarquias UAb

DATA DE INÍCIO	DATA DE FIM	DURAÇÃO (EM MESES)
----------------	-------------	--------------------

01-09-2011	31-08-2012	12
------------	------------	----

Descrição da tarefa e resultados esperados

Áreas prioritárias

- Consolidar a rede autarquias CLA: a) lançar uma oferta formativa com pertinência social, exclusiva para as Autarquias UAb, como forma criar o sentimento de pertença e identidade²²; b) criar, de forma concertada em todas as Autarquias UAb os Conselhos Locais
 - Resultados esperados: aprofundamento do espectro das parcerias em âmbito local.
- Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social
 - Resultados esperados: participação na definição das políticas municipais de educação através da oferta de formação em áreas carenciadas.

Áreas experimentais

- Desenvolver o projecto “mala virtual”, em função do modelo pedagógico da UAb e das particularidades dos CLA.
 - Resultados esperados: consolidação do processo da primeira fase de testagem da “mala virtual” em grande escala e activação de estratégias de melhoramento, caso seja necessário.
- Continuar o estabelecimento de parcerias com vista à criação da rede internacional dos CLA.
 - Resultados esperados: abertura de um CLA em Angola.
- Desenvolver acções de formação direccionadas para a população estudantil (novas ferramentas tecnológicas, aplicações Moodle como plataformas de produtividade e trabalho colaborativo, entre outros);
 - Resultados esperados – Aumento do nível de literacia digital dos actuais e potenciais estudantes e formandos da UAb.
- Continuar o desenvolvimento de investigação, privilegiando as áreas: Literacia Digital, no âmbito da Rede Ibérica ObLID, Empregabilidade, Aprendizagem ao Longo da Vida, Memória local
 - Resultados esperados: Apresentação de pesquisas preliminares em eventos científicos nacionais.

²² Uma hipótese adequada seria o curso de pós-graduação - *Gestão de organizações e projectos culturais* - destinado a quadros médios das autarquias e associações sócio-culturais da região.

DESIGNAÇÃO DA FASE 3		
Mala virtual		
DATA DE INÍCIO	DATA DE FIM	DURAÇÃO (EM MESES)
01-09-2012	31-08-2013	12
Descrição da tarefa e resultados esperados		

Áreas prioritárias

- . Implementar a mala virtual em todos os CLA e em todas as épocas de avaliação presencial.
 - o Resultados esperados: conclusão do processo de alteração da logística de prestação de provas presenciais dos estudantes da UAb (monitorização regular do sistema).
- . Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social
 - o Resultados esperados: participação na definição das políticas municipais de educação através da oferta de formação em áreas carenciadas.

Áreas experimentais

- . Aprofundar a participação da comunidade académica da UAb, através da realização de trabalhos de natureza científica e da organização de eventos de âmbito cultural. Implementação do projecto – Gestão do Conhecimento/Manipulação da Memória Local – nas Autarquias CLA.
 - o Resultados esperados: consolidação do papel dos CLA na identidade da UAb e nas dinâmicas culturais locais.
- . Continuar o desenvolvimento de investigação, privilegiando as áreas: Literacia Digital, no âmbito da Rede Ibérica OLID, Empregabilidade, Aprendizagem ao Longo da Vida, Memória local
 - o Resultados esperados: apresentação de trabalhos em eventos científicos nacionais e de dois papers num congresso internacional.

DESIGNAÇÃO DA FASE 4 ²³		
Glocalização ^{24 25}		
DATA DE INÍCIO	DATA DE FIM	DURAÇÃO (EM MESES)
01-09-2013	31-08-2014	12
Descrição da tarefa e resultados esperados		

A partir de 2013, apresentam-se áreas prováveis a desenvolver.

Áreas

- . Concretizar o conceito de glocalização nas autarquias UAb: desenvolvimento do projecto – Gestão do Conhecimento/Manipulação da Memória Local.
- . Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social.
- . Investir na rede internacional dos CLA.
- . Continuar o desenvolvimento de investigação, privilegiando as áreas: Literacia Digital, no âmbito da Rede Ibérica ObLID, Empregabilidade, Aprendizagem ao Longo da Vida, Memória local

DESIGNAÇÃO DA FASE 5		
Rede Internacional dos CLA		
DATA DE INÍCIO	DATA DE FIM	DURAÇÃO (EM MESES)
01-09-2014	31-08-2015	12
Descrição da tarefa e resultados esperados		

- . Consolidar a rede internacional dos CLA

²³ A partir da fase IV as acções a desenvolver basear-se-ão na avaliação dos resultados obtidos nas fases anteriores do projecto.

²⁴ O conceito de “glocalização” surge da integração do local e do global e realça a ideia de que a oscilação entre o global e o local é uma regra básica de subsistência, mesmo para os chamados meios globais. O conceito é proposto por teóricos nipónicos, ao constatarem o fracasso da “febre” das megafusões nas chamadas redes globais, e salienta a necessidade de as organizações ser capazes de gerir e de articular o âmbito de acção do local com o global.

²⁵ No período 2013-2016 inclusive, a definição das áreas de intervenção poderá ser reajustada, em função das opções estratégicas da UAb e dos parceiros da rede dos CLA, dos diagnósticos locais e da avaliação da rede dos CLA.

- Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social

DESIGNAÇÃO DA FASE 6		
CLA/Desenvolvimento Local e Societário		
DATA DE INÍCIO	DATA DE FIM	DURAÇÃO (EM MESES)
01-09-2015	31-08-2016	12
Descrição da tarefa e resultados esperados		

Áreas

- Apresentar os dados e as conclusões dos projectos de investigação desenvolvidos nas áreas: Literacia Digital, no âmbito da Rede Ibérica OLID, Empregabilidade, Aprendizagem ao Longo da Vida e Memória local
- Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social.

3.3.3.2. Síntese das áreas de intervenção e acções

FASES	ÁREAS: ACÇÕES	ÂMBITOS
2010-2011	ÁREA PRIORITÁRIA	
	- Alargar a rede nacional de CLAs	Interinstitucional
	ÁREAS EXPERIMENTAIS	
	- Lançar as bases da criação das Autarquias UAb	
	- Desenvolver competências TIC, a nível municipal (não minimizando grupos de potenciais alunos);	Interinstitucional
	- Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social	
	ÁREAS EMBRIONÁRIAS	
- Estabelecer as primeiras parcerias com vista à criação da rede internacional de CLA's	Interinstitucional	

- Testar e adequar a “mala virtual” às especificidades do modelo pedagógico da UAb e dos CLA.	Acadêmico
- Desenvolver investigação, privilegiando as seguintes áreas: Literacia Digital, no âmbito da Rede Ibérica OLID; Empregabilidade.	Cultural, Educativo e Social
- Aprendizagem ao Longo da Vida: Memória Local.	
ÁREAS DE CONSOLIDAÇÃO	
- Promover a participação e o envolvimento dos alunos da UAb nos CLA;	Institucional
- Criar canais privilegiados de acesso à informação entre CLA e os Serviços Centrais (Sede) da UAb.	
- Avaliar as parcerias da UAb com os Municípios.	
- Aprofundar e tirar partido das parcerias existentes, de forma envolver os CLA nas dinâmicas de cooperação já existentes entre os parceiros da UAb e outras entidades.	Interinstitucional
- Definir métodos de auscultação da oferta formativa com a UMCLA e a UALV, de acordo com as especificidades locais.	Institucional/ Interinstitucional
- Avaliar as condições de realização de exames, coordenadas por entidades externas à UAb.	
- Reequacionar a oferta de iniciativas socioculturais dos CLAs, dando particular relevância à optimização de recursos.	Institucional/ Interinstitucional
- Envolver a rede de CLA em encontros entre Professores e Estudantes da UAb, através de “semanas académicas”, trabalhos de campo, workshops práticos presenciais.	Acadêmico, Cultural, Educativo e Social/ Interinstitucional
- Aprofundar as estratégias de participação dos CLA em iniciativas dos municípios.	Interinstitucional
- Aumentar o impacto da presença dos CLA nos Conselhos Locais de Educação.	
- Desenvolver canais de comunicação entre os membros da Comunidade UAb, através da página do CLA, no site da Universidade, e desenvolver o "espaço comunitário virtual" com ferramentas de Web 2.0, como o Facebook, o Twitter, etc.	
- Conjugar iniciativas presenciais e virtuais orientadas para uma maior sustentabilidade da Comunidade UAb, junto dos CLA.	Institucional

	- Reavaliar as necessidades de espaços físicos para exames, em função do crescimento do número de estudantes por CLA.	Interinstitucional
	- Definir, objectivamente, critérios de avaliação de desempenho para os CLA.	Institucional
2011-2012	ÁREAS PRIORITÁRIAS	
	- Consolidar a rede autarquias CLA.	Interinstitucional
	- Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social.	
	ÁREAS EXPERIMENTAIS	
	- Desenvolver o projecto “mala virtual”, em função do modelo pedagógico da UAb e das particularidades dos CLA.	Académico
	- Continuar o estabelecimento de parcerias com vista à criação da rede internacional de CLA.	Interinstitucional
	- Desenvolver acções de formação direccionadas para a população estudantil (novas ferramentas tecnológicas, aplicações moodle como plataformas de produtividade e trabalho colaborativo, entre outros).	Cultural, Educativo e Social
	- Continuar o desenvolvimento de investigação, privilegiando as seguintes áreas: Literacia Digital, no âmbito da Rede Ibérica OLID: Empregabilidade; Aprendizagem ao Longo da Vida	
	ÁREAS DE CONSOLIDAÇÃO	
	- Desenvolver canais privilegiados de acesso dos Coordenadores dos CLA às informações internas produzidas pelos serviços centrais da UAb (Matrículas, Informações, Exames, Certificação, UALV)	Institucional
	- Avaliar canais de comunicação dos CLA com os diversos serviços da UAb (UALV, Serviços de Apoio ao Estudante, Logística).	
	- Ampliar a rede de parcerias dos CLA.	Interinstitucional
	- Agilizar estratégias de divulgação da Universidade Aberta nos concelhos da área de abrangência dos CLA.	
	- Reequacionar a orçamentação da rede dos CLA, para a realização de actividades/conferências.	
	- Uniformizar os procedimentos em todos os CLA, sobretudo no que diz respeito à participação em eventos	

	promovidos pelas autarquias (feiras e mostras).	
	- Reforçar a intervenção dos CLA nas suas respectivas zonas de abrangência, descentralizando gradualmente as suas áreas geográficas de actuação e desmitificando a ideia que os CLA apenas intervêm no concelho onde estão implementados.	
	- Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Locais de Educação.	
	ÁREA PRIORITÁRIA	
	- Implementar em todos os CLA´s e em todas as épocas de exame a mala virtual	Académico
2012-2013	- Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social	Cultural, Educativo e Social
	ÁREAS EXPERIMENTAIS	
	- Aprofundar a participação dos Estudantes nos CLA, através da realização de trabalhos de natureza científica e académica e eventos de âmbito cultural.	Cultural, Educativo e Social
	ÁREAS DE CONSOLIDAÇÃO	
	- Reforçar a ligação dos CLA aos vários serviços da UAb (Serviço de Apoio ao Estudante, Logística, Unidade de Aprendizagem ao Longo da Vida);	Institucional
	- Organizar encontros/colóquios/projectos no âmbito de 1º, 2º e 3º ciclos, com os Departamentos	Institucional
	- Optimizar de recursos e iniciativas entre os CLA.	Académico,
	- Aumentar o envolvimento dos Estudantes nos CLA, através de iniciativas promovidas pela comunidade estudantil.	Cultural, Educativo e Social
	- Concretizar o conceito de glocalização nas autarquias UAb.	
2013-2014	- Desenvolver estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Municipais de Educação e nos Conselhos Locais de Acção Social.	
2014-2015	- Continuar o desenvolvimento de investigação, privilegiando as áreas: Literacia Digital, no âmbito da Rede Ibérica OLID, Empregabilidade. Aprendizagem ao Longo da Vida, Memória local.	Institucional
	- Reforçar a ligação dos CLA aos vários serviços da UAb (Serviço de Apoio ao Estudante, Logística, Unidade de Aprendizagem ao Longo da Vida).	Académico

20 15-2016	- Aprofundar estratégias de actuação dos CLA nos Conselhos Locais de Educação e de Acção Social.	Cultural, Educativo e Social
	- Consolidar a rede internacional de CLA.	
	- Apresentar os dados e as conclusões dos projectos de investigação.	

3.3.4. Descrição da Estrutura de Gestão

A gestão científica, pedagógica e sociocultural do projecto será assegurada pela Unidade para os CLAs, constituída por docentes da UAb, directores das Delegações da UAb, duas técnicas superiores e uma técnica administrativa. A gestão orçamental do projecto será monitorizada pelo Gabinete de Assessoria de Projectos da UAb.

3.4. Referências Bibliográficas

- AA.VV. (2003),, *Cruzamentos de Saberes. Aprendizagens Sustentáveis*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Caeiro, D (coord.); Costa, A.; Aires, L., Cunha, R. (2007). *Reestruturação dos Centros de Apoio: os Centros Locais de Aprendizagem*. Lisboa:Universidade Aberta, Documento Interno.
- Candau, J.(1996), *Anthropologie de la mémoire*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Catroga, F. (2001), *Memória, história e historiografia*, Coimbra, Quarteto.
- Canário, R. Cabrito, B. (orgs.), (2005).*Educação e Formação de Adultos: Mutações e Convergências*. Lisboa, Educa.
- Carmo, H. (2007). *Desenvolvimento Comunitário* (2ªed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Castells, M.(2003), *O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (Vol. II), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2001). *La Galaxia Internet*. Madrid: Areté.
- Cole, M. 1996 *Cultural Psychology. A once and a future discipline*. Harvard, University Press.
- Davila, P. (2005). *A Literacia dos Adultos: Competências-Chave na Sociedade do Conhecimento*. ISCTE (Tese de Doutoramento).
- Fragoso, A. (2005). "Contributos para o debate teórico sobre o desenvolvimento local: Um ensaio baseado em experiências Investigativas". *Revista Lusófona de Educação*, 5 (63-83)
- Freire, Paulo (1972, 1975), *Pedagogia do Oprimido*, Porto, Edições Afrontamento.
- Fentress, James & Wickam, C. (1994), *Memória Social*, Lisboa, Teorema.
- García Aretio, L. (coord.); Ruiz, M.; Domínguez Figaredo, D. (2007). *De la educación a distancia a la educación virtual*. Barcelona: Ariel.

- Garrison, D.; Anderson, T. (2005). *El e-learning en el siglo XXI. Investigación y práctica*. Barcelona: Octaedro.
- Guerra, I. (s/d) "Reflexões sobre os métodos e técnicas de planeamento: acção colectiva e "jogo estratégico de actores". *IV Congresso Português de Sociologia* (documento policopiado)
- Iturra, R. (1990), *Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra. Ensaios de Antropologia Social sobre o Insucesso Escola*. Lisboa, Escher
- Jenkins, R. (2004), *Social Identity*, 2ª ed., London and New York, Routledge.
- Lahire, Bernard (2001, 2003b), *O Homem Plural. As Molas da Acção*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Mattelart, A. (2006). *Diversidad Cultural y Mundialización*. Barcelona: Paidós.
- Parente, Cristina (2004), "Para uma análise da gestão de competências profissionais", *Sociologia*, Vol. XIV, pp. 299-343.
- Ruano-Borbalan, J. (dir.), (1998), *L'identité, l'individu, le groupe, la société*, Paris, Éditions Sciences Humaines.
- Salgado, L. (1995a), *A Educação e o Desenvolvimento*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Scribner, S.; Cole, M, (1981). *The Psychology of Literacy*. Cambridge, Harvard University Press.
- Silva, A.P. (2009). *A Aprendizagem ao Longo da Vida. As Competências para a Empregabilidade no Ensino Superior. Universidade de Aveiro (Dissertação de Mestrado)*
- Silva, Augusto Santos (1990, 2001), *Educação de Adultos. Educação para o Desenvolvimento*. Lisboa, Edições ASA.
- Vasquez, O. (2009). "Language and ICT and the making of a Change Infrastructure" Paper presented at the "Learning Lives" Seminar, Oslo, Norway, May 14-18, 2009. Under revision for collected volume by Erstad, O & Stefton-Green, J (Eds.) *Learning Lives: Literacy, place, technology and learner identity*.
- Vasquez, O. (2002). "Education in a Global Age An Inter-California Strategy for the Tijuana-San Diego Region" *FRONTERA NORTE*, vol.14, nº28, Julho-Dezembro.
- Warschauer, M. (2002)."Reconceptualizing the Digital Divide", *First Monday*, Volume 7, Number 7 - Number 1 July 2002. Disponível:<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/967/888>
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. Cambridge: University Press.
- Wertsch, J. (1993). *Voces de la mente. Un enfoque sociocultural para el estudio de la acción mediada*. Madrid: Visor.
- Vygotski, L. (1986). *Mind in society. The development of higher psychological processes*. Harvard Mass:Harvard University Press.

3.5. Publicações Anteriores

Caeiro, D.; Aires, L.; Costa, A., Cunha, R. (2009). "Apropriações do local na rede: os Centros Locais de Aprendizagem da UAb". Lisboa: AIESAD (a aguardar publicação)

3.6. Lista de membros da equipa a contratar durante o período do projecto

Membro da equipa	Função	Duração	%tempo
C01	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C02	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C03	Coordenador do CLA	72 meses	75
C04	Coordenador do CLA	72 meses	75
C05	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C06	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C07	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C08	Coordenador do CLA	72 meses	75
C09	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C10	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C11	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C12	Coordenadora do CLA	72 meses	75
C13	Coordenadora do CLA	72 meses	75
AT01	Assistente Técnico	72 meses	100

3.7. Acções de divulgação do Projecto

Serão adoptadas as seguintes estratégias de divulgação:

- . Seminários na rede de 13 CLA, atualmente em funcionamento.
- . Artigos na imprensa escrita local
- . Breves participações em programas de divulgação na rádio e televisão locais.

- . Notícias na página Web dos Municípios.
- . Breves artigos nas páginas dos CLA.
- . Notícias nas páginas Web e Facebook dos CLA.

CRIAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO

Domingos Caeiro
Adelaide Costa
Luísa Aires
Rosário Cunha

APROPRIAÇÕES DO LOCAL NA REDE.: OS CENTROS LOCAIS DE APRENDIZAGEM DA UAb (**)

Domingos Caeiro, UAb
Luísa Aires, UAb
Adelaide Costa, UAb
Rosário Cunha, UAb

Comunicação apresentada no *XIII Encontro Ibero-Americano de Educação Superior à Distância*, 16 a 18 de setembro de 2009, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (texto inédito).

APROPRIAÇÕES DO LOCAL NA REDE: OS CENTROS LOCAIS DE APRENDIZAGEM DA UAb

Resumo

Nesta comunicação analisamos os processos de interacção e colaboração da Comunidade de Prática dos Coordenadores dos Centros Locais de Aprendizagem da UAb. Começamos por reflectir sobre os desafios da Educação a Distância na cultura digital e, em particular, sobre a relevância das Universidades a Distância nas dinâmicas educativas locais. Depois, apresentamos sumariamente os Centros Locais de Aprendizagem da UAb. Finalmente, analisamos a Comunidade de Prática online de Coordenação dos CLA, privilegiando-se dinâmicas e percepções sobre a interacção e colaboração online, a partir da análise reticular das interacções sociais, da aplicação de um questionário e da análise interpretativa de mensagens publicadas em fórum de discussão.

Palavras-Chave: Educação a Distância, Cultura Digital, Centros Locais de Aprendizagem, Comunidade de Prática, Comunicação Online, Colaboração Online.

Introdução

A Internet é o espaço instrumental e simbólico, por excelência, da sociedade digital. Cenário de criação e consolidação de redes, a Internet participa na construção de uma nova ecologia comunicacional que tem revolucionado as principais actividades económicas, sociais, políticas e culturais (Castells, 2001). Palavras e expressões como: poder, velocidade da comunicação, rapidez, instantaneidade de envio, recepção e uso de informação, redefinição do espaço e do tempo (Garrison & Anderson, 2005, citando Ikenberry, 1999) são elementos centrais neste novo paradigma (Castells, 1996).

Orientando o nosso espectro de análise para a Educação Online, no Ensino Superior, verificamos que o impacto das TIC e Internet tem sido interpretado como uma autêntica revolução, pese embora com profundas variantes e nem sempre com a necessária integração em projectos de acção amplos. Enquanto, para uns, a Internet é uma potente via educativa, para outros, constitui uma enorme base de dados à disposição dos agentes educativos e, para outros ainda, é compreendida como um novo meio de construção e partilha de conhecimentos e saberes (Garrison & Anderson, 2005). A par das concepções revolucionárias sobre a Internet, parece coexistir, ainda, a crença de que a presença e a mera utilização instrumental da tecnologia se traduzem em inovação, observando-se, de novo, atitudes de que a história da tecnologia dá conta em outras épocas.

Se focarmos a nossa reflexão na Educação a Distância, observamos que o desenvolvimento e a afirmação de uma nova ecologia comunicativa facilitaram a redefinição do valor social e educativo do EaD e, como referem García Aretio, Ruiz e Domínguez Figaredo (2007), proporcionaram a substituição de um paradigma de “educação a distância” por uma “educação sem distâncias” (“Em qualquer lugar do mundo”).

Estas profundas mudanças educativas e tecnológicas integram-se em movimentos mais amplos e no quadro de amplas transformações sociais, económicas e culturais que não podem ser minimizadas. Por um lado, as Universidades vocacionadas para a Educação a Distância, à semelhança das Universidades Presenciais, são convocadas para mudanças nas suas culturas educativas e organizativas que as obrigam a afastar-se dos modelos das Universidades Tradicionais e a aproximar-se das “Universidades-Empresa” (Ardizzone & Rivoltella, 2003), em que não é alheio o conceito de eficácia, de reutilização e acessibilidade de informações. Neste quadro é exigido às Universidades, entre outros, que os seus modelos de acção dêem resposta às expectativas políticas, sociais, culturais e económicas, de indivíduos e grupos sociais (e, frequentemente, do poder político). Por outro lado, as Universidades não podem ignorar o estado da arte das dinâmicas culturais, filosóficas e educativas, perspectivando-se enquanto agentes destas dinâmicas.

A flexibilidade, acessibilidade e familiaridade de uma grande diversidade de ferramentas disponíveis online criam a percepção de que, banidas as barreiras espacio-temporais, facilmente as Universidades dão resposta a todos os indivíduos, em qualquer lugar e a todo o momento. No entanto, se a rede não prescindir das mediações tecnológicas, também é certo que esta rede se forma com a pluralidade, a alteridade e a diferença. Aqui reside um importante desafio para as Universidades a Distância e a Educação Online que promovem.

Os fenómenos de globalização, fortemente disseminados pela Internet, demonstram que o “virtual” é uma entidade que não subsiste sem a sua integração nos processos de acção e da cultura humana. Pluralismos e diferenciações não se diluem no global democratic marketplace (Mattelart, 2006). Ao contrário do que se verifica na década de setenta do passado século e tomando como referente as inúmeras experiências dramáticas das empresas “. com”, a cultura das empresas apropria-se, no século XXI, da ideia de “mestiçagem gerencial”, adoptando modelos organizacionais apoiados na dialéctica constante entre descontextualização/recontextualização. Mediações, cruzamentos e mestiçagens, novas formas de resistência e novos mecanismos de hegemonia cultural e ideológica questionam a ideia de uma modernidade unívoca (idem).

Grande parte dos erros cometidos pela chamada economia digital (a Amazon.com constitui uma excepção) prende-se com o facto de muitos empreendimentos não terem sequer questionado “como” poderia a Internet modificar o mundo dos negócios (Piscitelli, 2003) e terem ignorado que a Internet devolve ao consumidor e ao indivíduo maiores possibilidades de participação nas suas escolhas. Destas práticas negativas, as organizações aprendem ainda que as actividades virtuais não eliminam as físicas, mas ampliam a sua importância: as grandes empresas constatam que a elaboração de catálogos físicos aumenta as vendas online e que a sua existência física, territorial, é fundamental para a sua sobrevivência.

Depois de ultrapassada a “febre” das megafusões das chamadas redes globais, as organizações apercebem-se de que devem ser capazes de gerir e de articular o âmbito

de acção do local com o global. E, ainda, que se outrora o indivíduo era perspectivado como um agente passivo, do ponto de vista dos consumos culturais e outros, a Internet reforça a responsabilidade nas suas escolhas. A esta integração do local e do global, os teóricos nipónicos chamam “glocalização”. As marcas como a Coca-Cola ou a Marlboro, ao contrário do que acontecia nas décadas de setenta e oitenta, adaptam os seus spots publicitários aos imaginários nacionais e a grupos sociais, porque tomam consciência de que a oscilação entre o global e o local é uma regra básica de subsistência, mesmo para os chamados meios globais; não há cultura sem mediação, nem identidade sem tradução, como referiu Ricoeur, sendo que esta tradução é a mediação entre a pluralidade e a unidade (Matellart, 2006:1039).

As investigações sobre os vínculos entre o particular e o global facilitam a emergência de novos actores e redes nascidas da encruzilhada entre o tradicional e o moderno. Este retorno às formas locais insere-se, assim, numa lógica de criação de novos pólos e actores de mercados locais, regionais e globais. A noção de comunidade já não é sinónima de identidade, mas de alteridade. As mestiçagens e miscelâneas são sinais de novas modernidades (idem).

1. A Educação a Distância Online e os desafios do “glocal”

A revisão da literatura sobre Internet e Educação revela-nos que a Rede se converteu no lugar de convergência dos diferentes agentes do acto educativo (García Aretio et al, 2007: 56). A par das virtualidades instrumentais que facilitam o processo de comunicação entre todos os agentes educativos, recupera-se o valor da interacção, elemento central no processo de aprendizagem, reconfigurando-se as identidades de Estudantes e Professores. A maioria de nós sabe exactamente o que significa este processo de inovação, porque experienciou o momento de viragem do Professor-gestor de produto para o de Professor- mediador de aprendizagens.

Embora os princípios educativos sejam, aproximadamente, os mesmos que as últimas gerações de EaD adoptaram, a interactividade, colaboração, diversidade, flexibilidade e interdisciplinaridade (entre outros) (García Aretio et al., 2007) restituem à Educação a Distância padrões de qualidade que, nas gerações anteriores, eram de complexa concretização. Princípios pedagógicos como o de reciprocidade, pluralismo, construção conjunta de conhecimento passam a estar disponíveis nas rotinas pedagógicas diárias, em particular nas das comunidades de aprendizagem e das comunidades de prática.

Mas se direccionarmos a nossa pesquisa para dimensões centrais da acção educativa online, como os valores de cidadania, de solidariedade, de pluralidade e de relevância social, verificamos que estes não têm constituído objecto prioritário do discurso e da inovação educacionais (idem). Se os valores são a matriz dos ideais, dos projectos e das Pessoas que formam as instituições e estão subjacentes a qualquer acto educativo e didáctico, a investigação pedagógica sobre Educação Online, por seu lado, está muito centrada em micro-processos metodológicos de ensino-aprendizagem, não atribuindo a necessária relevância aos princípios éticos que lhes subjazem.

Paradoxalmente, estes princípios são mais visíveis na Educação Online do que em gerações anteriores de EaD, graças à intensidade e à qualidade das interacções e aos instrumentos e cenários onde estas se desenvolvem. A par da eficácia, eficiência, acessibilidade e utilidade, são, agora, mais perceptíveis os valores de equidade, participação, cidadania, cooperação, criatividade, pluralismo e alteridade (García Aretio

et al.). Neste quadro axiológico, recuperam-se valores sociais como os de participação, sentido de parceria, multiculturalidade e diferença que justificam a relevância social das Universidades a Distância, em âmbitos locais ou globais.

Neste novo paradigma, as Universidades a Distância apropriam-se de princípios de modernidade da sociedade digital, orientando-se por valores democráticos, de cooperação com organizações e actores diferenciados da vida social, através da criação de redes. É também pela criação e consolidação de parcerias e pela incorporação de saberes plurais que as Universidades vocacionadas para a Educação a Distância adquirem legitimidade para assumirem a liderança na Educação ao Longo da Vida, concretizando-se, assim, a sua vocação educativa universal e de serviço público.

2. Os Centros Locais de Aprendizagem da UAb

Os Centros Locais de Aprendizagem da UAb são pensados e dinamizados a partir dos postulados que apresentámos. De facto, não foi contra a corrente da virtualização em curso na Universidade Aberta, mas em sintonia e em sincronia com essa alteração estruturante, que a UAb apostou na concretização do conceito de Centro Local de Aprendizagem, atribuindo-lhe um papel relevante no seu projecto Educativo.

Os CLA correspondem a estruturas disseminadas pelo território nacional²⁶, tendentes a construir uma malha geograficamente coerente, e resultam do estabelecimento de parcerias entre a UAb e a sociedade civil e local (até ao momento, em exclusivo, os municípios). O articulado dos protocolos que instituem as parcerias é inequívoco: confere às Câmaras Municipais atribuições ao nível das infra-estruturas e dos equipamentos identificados como necessários à realidade física CLA; concede à UAb completa autonomia e responsabilidade na concepção e gestão do Centro, consubstanciada, em primeira instância, na selecção, remuneração e formação do respectivo coordenador.

Na base da implementação dos CLA convergem as seguintes linhas estratégicas, assentes no desempenho dos coordenadores, os representantes da Universidade que fisicamente se encontram mais próximo dos estudantes e da comunidade local e regional:

- por um lado, uniformizar práticas e rotinas norteadas pelo profissionalismo e pela eficácia, no que se refere ao suporte logístico e instrumental aos estudantes residentes na área, à coordenação do processo de avaliação presencial e à divulgação da oferta educativa da UAb e da especificidade do seu sistema de ensino-aprendizagem;
- por outro, promover sinergias sócio-culturais, educativas e cívicas, enquadradas nas dinâmicas locais e respeitando as especificidades da respectiva zona de influência.

Creemos ser consensual que a concretização deste plano está dependente de uma continuada e activa relação de proximidade, envolvendo os responsáveis centrais do projecto e os coordenadores dos CLA. Esta proximidade e presencialidade são desenvolvidas no Espaço Online de Coordenação dos CLA, criado no Moodle da UAb.

²⁶ Consultar “Anexo”

3. Arquitectura da Comunidade de Prática dos Coordenadores dos CLA: Dimensões Interactiva e Colaborativa

As Comunidades de Prática (CoP) são grupos de pessoas que partilham interesses e desenvolvem competências em áreas comuns, interagindo e colaborando, regularmente, em comunidade (Wenger, 1998). Estas comunidades definem-se a partir de três características principais, que as distinguem de outros grupos sociais: empreendimento comum, envolvimento mútuo e reportório partilhado. Para que estas dimensões se verifiquem é fundamental a existência de laços de confiança, de cooperação e colaboração. Ainda segundo Wenger, a sustentabilidade da comunidade de prática requer a presença de Participação; Criação de Valor; Conexões; Identidade; Sentimento de Pertença e Fronteiras; Desenvolvimento da Comunidade. Sendo um grupo social que, embora a favoreça, não assume, intencionalmente, o processo de aprendizagem como meta, a aprendizagem pode ser uma das razões que conduz à criação da comunidade.

A emergência das comunidades de prática pode dever-se a um processo acidental, ocasional. Estas comunidades desenvolvem-se em contextos diversificados como: organizações, órgãos de governo, educação. E no que à educação se refere, as CoP podem desempenhar um papel relevante na formação de professores e de agentes sociais afastados, fisicamente, dos centros de decisão.

Para a análise, que se segue, da CoP de Coordenação dos CLA, privilegiaremos os princípios de participação e colaboração e questionaremos em que medida esta participação e interacção online se traduzem em colaboração e desenvolvimento efectivo da comunidade.

A comunidade de Coordenação dos CLA desenvolve-se em dois espaços online criados no Moodle:

- (1) O Espaço de Coordenação dos CLA- cenário de interacção dos Coordenadores e do Grupo de Trabalho para os CLA²⁷. Este Grupo de Trabalho foi responsável, numa primeira fase, pela criação de uma proposta de criação dos Centros Locais de Aprendizagem; numa fase posterior, seleccionou os Coordenadores e apoiou a celebração de protocolos com parceiros locais e, no passado ano lectivo, supervisionou a instalação e o desenvolvimento do projecto no terreno.
- (2) A Secretaria Online (Costa, 2006)- contexto vocacionado para a discussão e resolução de dúvidas de carácter técnico e administrativo, sob orientação dos responsáveis por diferentes núcleos da UAb: Centro de Documentação, Serviços Académicos, Contabilidade, Exames, etc.

A comunidade usa ferramentas de comunicação assíncronas (fóruns de discussão e e-mail) e síncronas (chat e telefone), para a discussão e análise de contextos de acção diversificados, tais como: resolução de problemas, partilha de experiências, discussão

²⁷ O Grupo de Trabalho para os CLAs é constituído pelo Pró-Reitor para os Serviços Académicos e Extensão Universitária que coordena, a Presidente do Conselho Pedagógico, as Directoras das Delegações de Coimbra e do Porto e a Administradora da UAb. Este grupo conta, ainda, com o apoio de um Técnico Superior.

de projectos, criação de parcerias e, ainda, com uma finalidade integradora e socializadora, uma vez que os Coordenadores se encontram dispersos geograficamente.

Membros da Comunidade

A comunidade é constituída por 9 Coordenadores, 4 membros do Grupo de Trabalho, Administradora da UAb, 1 Técnico Superior.

Fases de desenvolvimento da Comunidade

Ao longo de um ano, identificaram-se três fases distintas no desenvolvimento da Comunidade:

Fase 1- Formação Online dos Coordenadores (Setembro a Outubro de 2008).

Fase 2- Início de actividades dos CLA, no terreno (Outubro de 2008 a Março de 2009);

O espaço online de formação reconfigura-se, naturalmente, no cenário privilegiado para o acompanhamento, apoio e supervisão dos Coordenadores.

É criada a Secretaria Online, com a abertura de fóruns moderados pelos responsáveis de diferentes serviços e núcleos da UAb, próximos das áreas de intervenção dos Coordenadores dos CLA.

Fase 3- Estabilização e desenvolvimento dos CLA (Abril a Agosto de 2009)

Dinâmicas globais de comunicação

No espaço online de Coordenação dos CLA apresentam-se, discutem-se e resolvem-se problemas, constroem-se projectos de acção, definem-se rotinas e circuitos de decisão, ultrapassam-se dilemas e dúvidas, apresentam-se relatórios parciais de actividades. Partilham-se, ainda, interesses e experiências pessoais.

Em complemento às interações assíncronas, promovidas em fórum de discussão no Moodle, usa-se o correio electrónico e o chat. Para a resolução urgente de problemas (maioritariamente relacionados com a Coordenação de Exames), utiliza-se o telefone.

Áreas dominantes de discussão

As áreas temáticas mais discutidas em fórum, nesta etapa inicial dos CLA, foram as seguintes:

- Dinamização sócio-cultural e educativa: seminários, palestras.
- Diagnóstico local de necessidades educativas e formativas.
- Apoio à Comunidade Académica da UAb: estudantes
- Circuitos de Comunicação
- Informações
- Serviço de Exames
- Centro de documentação
- Acesso à Internet
- Área social (café)

3.1- Análise reticular das interacções na Comunidade de Prática

A interactividade entre os membros da CoP, nos fóruns de discussão, foi estudada com a aplicação da metodologia de análise reticular de redes sociais (Figaredo & Díaz, 2005). Este método permite explicar, ao nível da interacção, o peso de uma mensagem dentro do fórum de discussão. Por outro lado, partindo dos atributos dos participantes, a análise reticular permite identificar dimensões que podem explicar os processos de construção da Comunidade. Os agentes são interpretados como nós dentro de uma rede de comunicação e, a partir das mensagens publicadas, podemos identificar, entre outros, a centralidade, a densidade, a intermediação e a proximidade dos actores. Os modos como os indivíduos estão ligados são determinantes para a compreensão do seu comportamento. Muitas conexões significam, em regra, que os agentes estão expostos a uma maior densidade informativa. Os indivíduos altamente conectados podem ser mais influentes, e podem ser mais influenciados pelos outros.

A análise reticular de redes sociais permitiu-nos uma análise mais fina dos processos sociais e dos processos de aprendizagem no âmbito da comunidade (Hanneman & Riddle, 2005). Ao longo dos fóruns de discussão verifica-se uma grande ramificação de temas. Nesta comunicação, privilegiaremos os fóruns que, por um lado, apresentam dinâmicas particulares de interactividade e, por outro, plasmam a diversidade de temáticas, objecto de acção dos CLA.

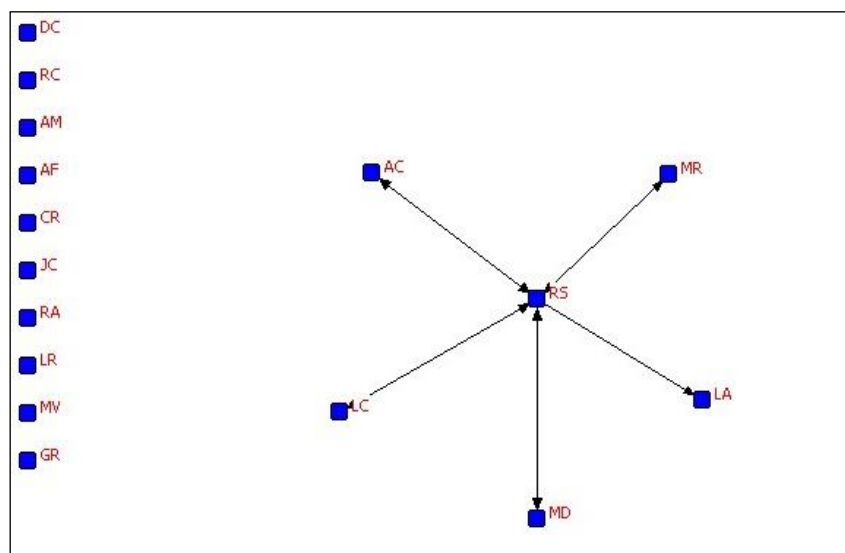


Figura 1: Grafo de interação do ramo de discussão “CLAs em Construção- Praia da Vitoria”
(31 Outubro 2008º a 6 Fevereiro 2009)

A discussão na Comunidade não segue uma agenda pré-definida. Coordenadores e Grupo de trabalho vão lançando temas para discussão em função das necessidades e problemas identificados. Na figura anterior, um dos membros lançou um tema e alguns dos restantes membros da comunidade participaram na discussão. Este grafo, resultante de um sub-tema de discussão, apresenta, ainda, uma estrutura de interacção pouco densa e pouco ramificada. Recorde-se que esta temática é lançada em Outubro, no início da formação da comunidade.

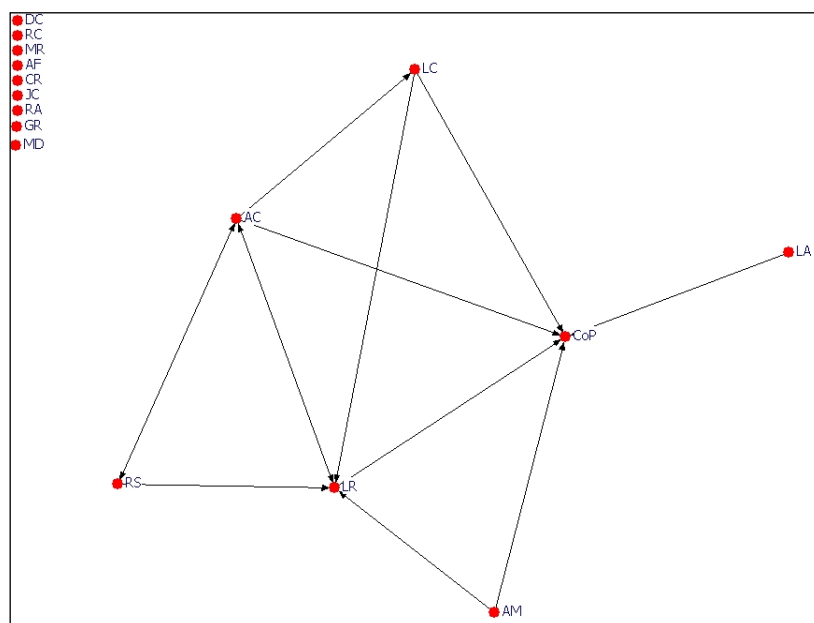


Figura 2: Grafo de interação do ramo de discussão “CLAs em Construção- Serviço de Exames”
(26 Janeiro a 06 Fevereiro de 2009)

A estrutura do grafo anterior revela algumas mudanças no sentido, nos actores e nas interações. O nó CoP, à semelhança de LR, tem centralidade no debate. O tema é lançado por LR, alguns membros da comunidade participam na discussão, introduzindo um novo actor: o “nós”, a Comunidade. Esta dinâmica observa-se mais intensamente nos grafos seguintes. A temática proposta gera a necessária “tensão” (no sentido de interesse, motivação) para o debate e desenvolve-se um diálogo orientado para a comunidade e não exclusivamente para o actor que inicia a discussão, como é o caso do grafo representado na figura 1.

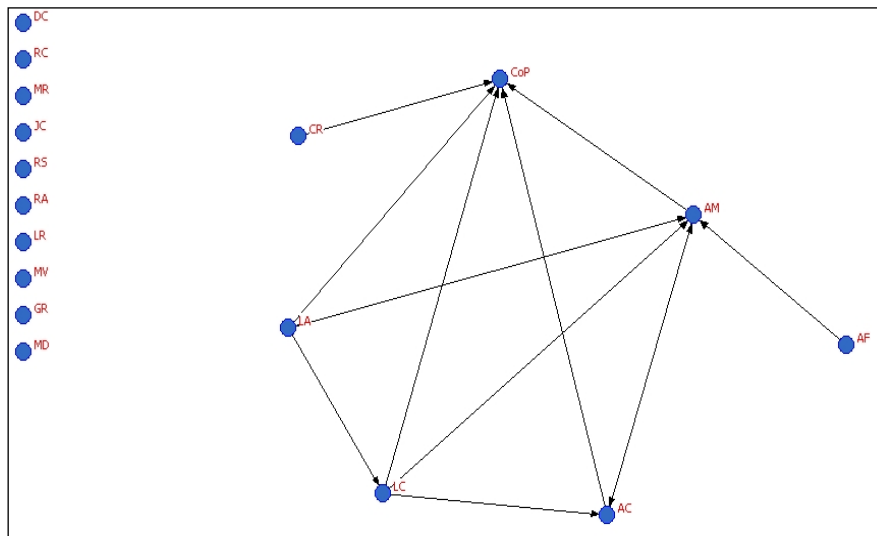


Figura 3: Gráfico de interação do ramo de discussão “CLAs em Construção - Protocolo CNO” (6 a 14 Maio de 2009)

A liderança na comunidade existe; é maioritariamente protagonizada pelo GT e orienta-se por princípios de liderança democrática (dirigida para toda a comunidade e envolvendo os todos seus membros nos processos de decisão).

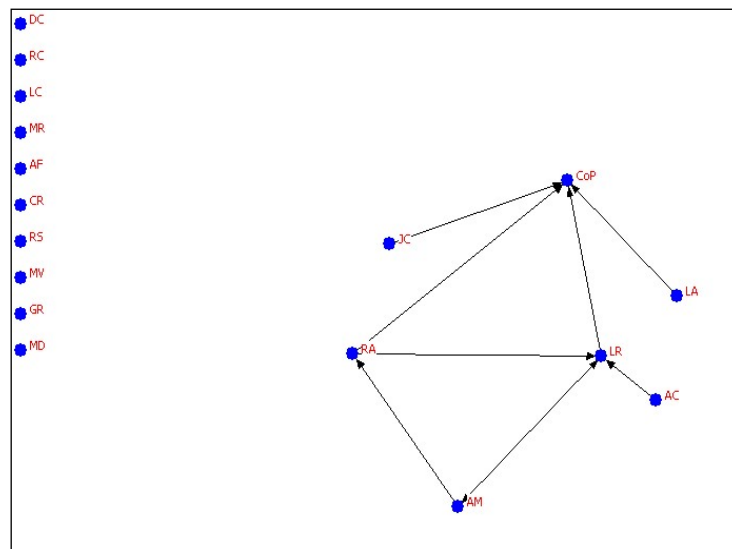


Figura 4: Gráfico de interação do ramo de discussão “CLAs em Construção - Conselho Consultivo Local” (Março a Junho de 2009)

Nos grafos anteriores, podemos observar dinâmicas diferentes das que tipicamente se observam em contextos educativos formais (Aires, Azevedo, Gaspar & Teixeira, 2007). Nesta CoP, a centralidade na rede é ocupada por cada um dos intervenientes que desencadeia a discussão. Ao contrário do que, frequentemente, se verifica em contexto de sala de aula virtual, em que a centralidade do professor é muito marcante em relação aos estudantes, nesta comunidade de prática, as relações de poder associam-se aos agentes que são capazes e têm interesse em desencadear a discussão. Ainda ao contrário dos grafos frequentemente observados em contextos educativos formais, os membros da comunidade não participam em todos os temas tratados (as regras da comunidade não impõem esta obrigação); participam só e quando o tema/ problema lhes interessa, de facto, surgindo, frequentemente, sob a forma de resolução de problemas.

Em termos evolutivos da discussão, é marcante o crescimento do protagonismo da CoP na rede de interações. Embora este dado careça de um estudo mais aprofundado, a centralidade da CoP na rede das interações é um dado objectivo que parece externalizar a intenção de os seus membros em construir um discurso e formas de acção colectivas e dirigidas para todos. Esta é uma meta central das Comunidades de Prática.

3.2- Como avaliam os Coordenadores dos CLA o processo de colaboração online na Comunidade?

A par da avaliação das redes de interação entre os membros da comunidade, importa conhecer a avaliação que os seus membros fazem da colaboração desenvolvida ao longo de um ano. Ou seja, é necessário avaliar em que medida a interação no Espaço Online de Coordenação dos CLA se traduz numa colaboração efectiva entre os seus membros, com resultados positivos para a acção que os Coordenadores desenvolvem.

Como já afirmámos, actualmente, grupos de profissionais e outros grupos sociais recorrem à colaboração online para o desenvolvimento de saberes, em áreas diversas (educação, formação, actividades profissional, lazer, política, cultura, etc.); o trabalho colaborativo não se limita aos contextos de aprendizagem formais; as colaborações efectivas geram resultados positivos para os agentes que nelas participam.

No entanto, é fundamental identificar as dimensões-chave que interferem e caracterizam o processo de colaboração pois, se não há colaboração sem interação, já o contrário pode não se verificar: pode desenvolver-se uma grande quantidade de participações que não se traduzem, nem numa verdadeira interação, nem numa colaboração efectiva, nem tão-pouco na criação conjunta de conhecimento, mas em “cacofonia”.

Para avaliarmos as opiniões dos Coordenadores dos CLA sobre a sua CoP que, naturalmente, se desenvolveu no espaço Moodle da UAb, solicitámos, aos Coordenadores, o preenchimento de um questionário, adaptado de Borden & Perkins (1999). Trata-se de um instrumento usado para a auto-avaliação dos processos de colaboração, constituído por 13 factores e medidos numa escala Likert. Pretende-se, com este questionário, que os Coordenadores especifiquem o seu nível de concordância nas seguintes dimensões do processo de Colaboração (Borden & Perkins (1999):

1. *Metas* - Metas e objectivos da colaboração.
2. *Comunicação* - A colaboração baseia-se numa comunicação aberta e clara.
3. *Sustentabilidade* - A colaboração orientou-se para a sustentabilidade da pertença e dos recursos da comunidade. Para o efeito, foram sendo criadas algumas regras de pertença à comunidade.
4. *Investigação e Avaliação* - A colaboração envolve a avaliação de necessidades, permite a obtenção de informação para a definição de metas e a identificação de meios para a consecução destas metas.
5. *Ambiente, Clima* - A história e o ambiente associados ao exercício e à capacidade de decisão são positivos. O clima/ ambiente da comunidade é visível em todos os âmbitos de acção.
6. *Recursos* - A colaboração facilitou o acesso aos recursos necessários. Estes recursos são de ordem financeira, ambiental, humana, e são específicos de cada CLA.
7. *Catalisadores* - a colaboração iniciou-se porque havia problemas ou regras de colaboração que exigiam uma abordagem compreensiva.
8. *Cultura/normas/regulamentos* - A colaboração permitiu definir e aplicar normas que, por sua vez, viabilizaram e consolidaram a colaboração entre todos.
9. *História* - A comunidade tem já uma história de trabalho cooperativo e de resolução de problemas.
10. *Conexões* - Os membros desta colaboração estão ligadas e tem criadas redes formais e informais de comunicação.
11. *Liderança* - A liderança facilitou e apoiou o funcionamento do grupo, e capitalizou, a partir da diversidade individual, as metas do grupo e a missão da UAb.
12. *Desenvolvimento da comunidade* - A comunidade foi mobilizado com finalidades claras e importantes. Existe um sistema de comunicação e canais formais de informação que permitem a exploração de temas, metas e objectivos.
13. *Percepção sobre a comunidade* - A colaboração permitiu compreender a comunidade, nomeadamente as pessoas, as culturas, os valores e hábitos.

A aplicação dos questionários decorreu na última quinzena de Agosto de 2009. Os dados obtidos a partir da aplicação deste instrumento foram os seguintes:

Coor.	Me tas	Co m.	Sust ent.	Inve										Tota is	
				stig. Aval.	Cli ma	Recu r.	Catal is.	Cul t.	His t.	Con ex.	Líd er.	Dese nv	Perc ep.		
1	1	1	1	2	3	2	3	2	1	2	2	2	2	2	24
2		1	2	3	1	3	3	2	2	2	3	2	2	2	26
3	2	1	1	1	1	2	5	1	1	1	2	1	3	24	
4	3	2	4	2	2	1	3	2	2	1	3	3	1	29	
5	2	2	2	1	2	2	2	2	2	1	1	1	2	22	
6	2	1	2	1	1	1	2	2	2	1	2	1	2	20	
7	2	1	1	2	1	2	2	1	1	1	2	2	1	19	
8	2	1	2	1	2	2	4	2	1	1	3	1	1	23	
9	2	2	1	1	1	2	4	2	1	1	1	2	2	22	

Quadro 1- Pontuações individuais dos coordenadores, por factor.

Seguindo a perspectiva de Borden e Perkins (1999), observamos que as pontuações individuais obtidas nos questionários se situam entre os 19 e os 24 pontos, não ultrapassando a margem de pontuações sugerida pelos autores - 0 a 30-, dentro da

qual se pode processar uma colaboração com êxito. Podemos, assim, observar que, de um modo global, não existem fortes constrangimentos para que a colaboração se desenvolva na CoP de Coordenadores dos CLAs. Nas figuras 5 e 6, podemos verificar que as respostas se concentram nos níveis 1 e 2 (Concordo Totalmente e Concordo). Este é um dado importante pois, a identificação de factores que limitam o processo de colaboração efectiva permite e exige a reformulação de estratégias da comunidade (idem).


A “comunicação” entre todos é clara e aberta; criaram-se “redes”, a comunidade tem já uma “história” de trabalho cooperativo e de resolução de problemas. O “clima” que se vive na “comunidade” facilita a tomada de decisões e a resolução de problemas e o sentido de comunidade é claro para 8 dos 9 coordenadores.

Estes dados quantitativos são corroborados pela análise de alguns ramos de discussão, em fórum. Nas mensagens que se seguem, um dos Coordenadores apresenta uma proposta pensada para o CLA que coordena (esta proposta é complementar a uma outra proposta anterior), e conta não só com a avaliação de outros Coordenadores, como são dadas sugestões para a sua aplicação em outros CLA.

UAB /CLA-FORM.COORD.08 /FÓRUNS /PARCERIAS, PROJECTOS /PROPOSTA PARA DOCUMENTO EXPLICATIVO DO CCL

Proposta para documento explicativo do CCL

por CO1.- Quinta, 27 Agosto 2009, 19:38

 [ConselhoConsultivoLocal.doc](#)

(Por não saber se todos estão inscritos nos fóruns dos CLA's em Construção, repito aqui o post lá colocado...)

Olá a todos,

Venho aqui colocar o esboço de um documento explicativo do que poderá ser um CCL, a apresentar a eventuais parceiros, para que digam de vossa justiça.

O objectivo foi fazer um documento pouco extenso e simples mas que focasse pelo menos os seguintes pontos:

i) o objectivo comum que une as entidades é a missão para o desenvolvimento comunitário;

ii) a participação no CCL é voluntária;

iii) as entidades ficarão ligadas através de um protocolo de cooperação à UAb, ligação que será visível através de publicação nos novos sites dos CLAs.

Fico à espera de comentários e da aprovação do GT para iniciar formalmente os contactos com as entidades.

Um abraço a todos!

PS: Bom regresso de férias!

[Editar](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)

Re: proposta para documento explicativo do CCL por C02- Sexta, 28 Agosto 2009, 10:35

Re: proposta para documento explicativo do CCL por C01 Sexta, 28 Agosto 2009, 13:21

Re: proposta para documento explicativo do CCL por GTA Sexta, 28 Agosto 2009, 16:07

Re: proposta para documento explicativo do CCL por C03 Sexta, 28 Agosto 2009, 19:34

Re: proposta para documento explicativo do CCL por C01 Segunda, 31 Agosto 2009, 13:03

Re: proposta para documento explicativo do CCL por C03 Segunda, 31 Agosto 2009, 17:43

Re: proposta para documento explicativo do CCL por C04 Segunda, 31 Agosto 2009, 17:55

Re: proposta para documento explicativo do CCL
por C02- Sexta, 28 Agosto 2009, 10:35

Olá C01,

Os objectivos do documento parece-me que são bastante pertinentes.

Li o documento e acho que está bem construído, conciso e objectivo. *E pode facilmente ser utilizado por todos os CLAs.*

Se o GT assim o entender, espero que me dê autorização para fazer uso dele em futuras reuniões.

Beijos

C02

Olá (C02),

Obrigada pelo apoio!

E claro que é um documento para uso de todos, se o acharem adequado e útil. O facto de referir o CLA de A. e respectiva área de intervenção é só para efeitos de exemplificação! 😊

Já agora, aproveito para referir que este documento é bem mais restrito no que respeita aos objectivos e às dinâmicas do que o apresentado pelo L. R. para o CCL/Rede de Aprendizagem ao Longo da Vida. No entanto, optei por começar por uma proposta de cooperação com a UAb, através do CLA, que fosse de aceitação simples e não acarretasse *a priori* grandes encargos e/ou obrigações para os parceiros (UAb incluída).

Isto porque, num contexto em que temos de "gerir" parcerias com vários municípios, de cores políticas diferentes e muitas vezes em competição, para além de outros parceiros - privados e públicos - com diferentes dinâmicas organizacionais (cujas preocupações também passam por questionar: "que custos estão associados a esta parceria e o que é que temos nós a ganhar com ela?"), pareceu-me que poderia ser uma boa abordagem.

Primeiro, criar um elo de ligação com os parceiros, leve e voluntário, mas que nos permite um acesso mais fundamentado que poderá levar a novas e mais consistentes parcerias. Será, porventura, a abordagem oposta à sugerida pelo L.. Partir do CCL para agregar as vontades dos actores locais em vez de motivar os actores locais para que esta agregação resulte num organismo como um CCL/Rede de Aprendizagem.

Tendo em conta as dinâmicas da região em que o CLA de A. se insere, parece-me uma abordagem mais eficaz e realista.

Espero comentários do GT e dos restantes coordenadores.

Um abraço!

(C01)

As opiniões dos Coordenadores obtidas a partir da aplicação dos questionários, sobre a “avaliação” de necessidades no processo de colaboração e a consequente identificação de “meios”, bem como a identificação de “recursos” financeiros, ambientais e humanos não são consensuais. Um dos Coordenadores “não concorda, nem discorda” sobre o enunciado proposto nos parâmetros “Investigação - Avaliação” e “Recursos”. Esta opinião é, obviamente, importante porque deste agente depende o funcionamento de um CLA. No entanto, será importante avaliar, no futuro, em que medida esta opinião coincide, ou não, com uma menor presença do Coordenador na CoP.

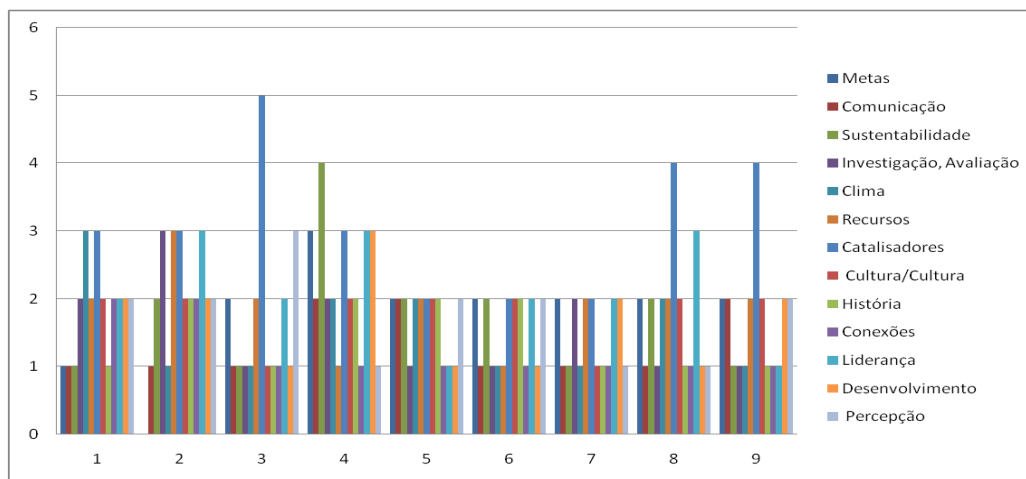


Figura 5- Representação das opiniões dos Coordenadores, por factor.

A relevância da “liderança” na colaboração não é, para alguns Coordenadores, fundamental pois, como antes referimos, as práticas de liderança do Grupo de Trabalho nesta CoP é, intencionalmente, discreta. E no factor “catalisador”, as opiniões divergem porque, embora tivessem sido identificados problemas comuns que exigiram a sua resolução conjunta, não foram identificados problemas graves; a comunidade criou-se e desenvolveu-se porque foi (e continua a ser) importante desenvolver-se um clima de entajuda e de pertença, capaz de minimizar o afastamento e a dispersão física entre os Coordenadores e os membros do Grupo de Trabalho. Esta primeira intenção não significa que, ao longo de um ano de trabalho, não tenham sido identificados e resolvidos inúmeros problemas, além do suporte emocional e afectivo que também está presente, sobretudo na área Social.

As pontuações obtidas nos níveis 4 (discordo) e 5 (discordo totalmente) são residuais. O clima da Comunidade é estimulante e tem dado resposta, de um modo geral, às expectativas dos seus membros.

Desta análise emerge também a necessidade de ser introduzida uma maior clareza na formulação dos enunciados de alguns factores pois, atendendo aos pedidos de esclarecimento que nos foram dirigidos por e-mail, esta variável pode ter influenciado as opiniões.

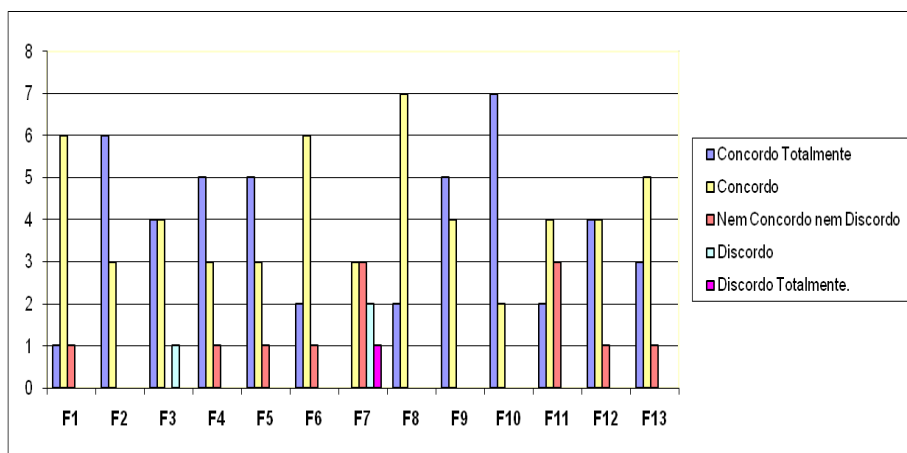


Figura 6- Opiniões por factor. F1.-Metas; F2- Comunicação; F3- Sustentabilidade, F4- Investigação e Avaliação; F5- Ambiente/Clima, F6- Recursos, F7- Catalisadores, F8- Cultura/normas/regulamentos, F9- História, F10- Conexões, F11- Liderança, F12- Desenvolvimento da comunidade, F13-Percepção sobre a Comunidade

Retomando a perspectiva de Wenger sobre as Comunidades de Prática e a abordagem dialógica adoptada na coordenação e supervisão dos CLA, consideramos que estão lançados os fundamentos para uma estratégia de monitorização dos Centros Locais de Aprendizagem, através do aprofundamento da colaboração e do sentido de pertença online. As três características principais das CoP, propostas por Wenger, que antes assinalámos - empreendimento comum, envolvimento mútuo e reportório partilhado- emergem do estudo que realizámos. Importa, no futuro, avaliar o desenvolvimento das dimensões tratadas, nesta Comunidade de Prática.

4- Conclusões

A investigação que realizámos sobre a Coordenação e Monitorização online dos CLA referem-se somente ao período temporal de um ano de trabalho. A Comunidade de Coordenação dos CLA tem, pela frente, um desafio mais complexo que é o de se desenvolver e consolidar, por via da consolidação dos Centros Locais de Aprendizagem.

Face aos dados apresentados, considera-se que, para o futuro, é necessário investir no aprofundamento do Sentimento de Pertença que permite o Desenvolvimento da Comunidade e, sobretudo, na Criação de Valor; através da identificação de novos recursos para a Comunidade e para os CLA.

Os dados que possuímos levam-nos, ainda, a concluir que este pode ser um contributo a desenvolver para a construção de uma matriz pedagógica orientada para a Educação ao Longo da Vida.

Finalmente, entendemos que a investigação realizada deve de ser complementada com a análise das perspectivas e dinâmicas de outros actores que participam no projecto dos CLA, a saber, os parceiros locais, nomeadamente, as Câmaras Municipais que colaboram no projecto e outros agentes locais, os estudantes, os docentes e os serviços administrativos que participam nos CLA da UAb.

5- Referências bibliográficas

- Aires, L.; Azevedo, J.; Gaspar, I., Teixeira, A. (coords.) (2007). *Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Identidades no Ensino Superior: O Projecto @prende.com*. Porto: Universidade Aberta.
- Ardizzone, P.; Rivoltella, P. (2004). *Didáctica para el e-learning*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Borden, L.; Perkins, D. (1999). *Assessing your Collaboration. A Self Evaluation Tool*. Disponible: <http://www.joe.org/joe/1999april/tt1.php> [Consultado: 01.08.2009].
- Castells, M. (2001). *La Galaxia Internet*. Madrid: Areté.
- Caeiro, D (coord.); Costa, A.; Aires, L., Cunha, R. (2007). *Reestruturação dos Centros de Apoio: os Centros Locais de Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta, Documento Interno.
- Costa, A. (2006). *Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares*. Universidade Aberta. Disponível em: http://www.univ-ab.pt/students/guia/detail_curso2.php?curso=30 [Consultado: 02.10.2009].
- Domínguez F.; Alonso, L. (2005), "Evaluación mixta de comunidades de aprendizaje en línea". Disponível em ARCHIVO del Observatorio para la CiberSociedad en <http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=205>. [Consultado: 10/2/2006].
- García Aretio, L. (coord.); Ruiz, M.; Domínguez Figaredo, D. (2007). *De la educación a distancia a la educación virtual*. Barcelona: Ariel.
- Garrison, D.; Anderson, T. (2005). *El e-learning en el siglo XXI. Investigación y práctica*. Barcelona: Octaedro.
- Hanneman, R. A.; Riddle, M. (2005). *Introduction to Social Network Methods*. Riverside, CA: University of California, Riverside. Disponível: <http://faculty.ucr.edu/~hanneman/>. [Consultado: 20.01.2006].
- Mattelart, A. (2006). *Diversidad Cultural y Mundialización*. Barcelona: Paidós.
- Piscitelli, A. (2002). *Ciberculturas 2.0 en la era de las máquinas inteligentes*. Buenos Aires: Paidós.
- Wenger, E. (1998). *Communities of Practice. Learning, Meaning and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Anexo

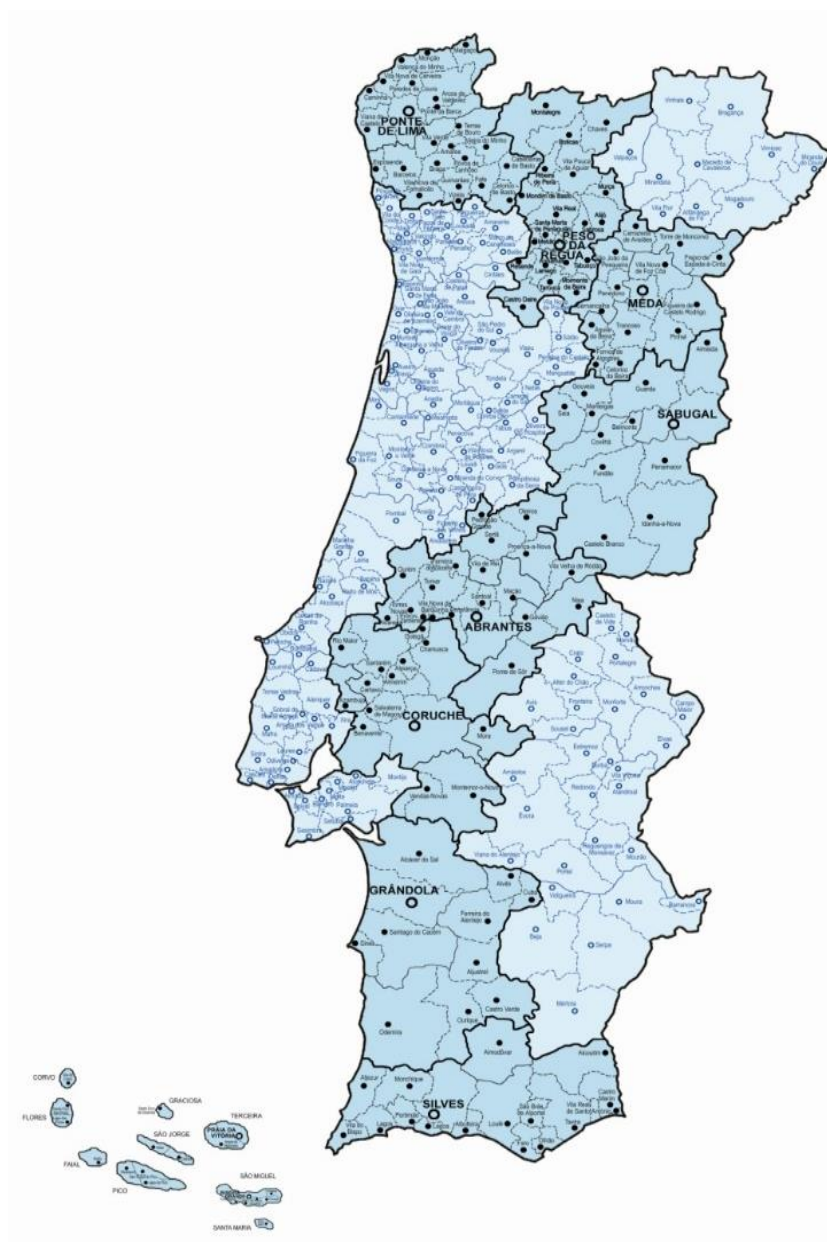


Figura 7: Distribuição geográfica dos Centros Locais de Aprendizagem, em Agosto de 2009.

APRESENTAÇÃO DE BOA PRÁTICA

Adelaide Millán da Costa

com a colaboração de:

Carla Farinha

Alexandra Sevinate Pontes

Susana Mântua

** Submetido em 8 de março de 2013 ao Observatório Português de Boas Práticas em
Direção Estratégica no Ensino Superior

1. Descrição da Boa Prática

1.1. Título da boa prática

Rede de Centros Locais de Aprendizagem da UAb: uma gestão presencial da virtualidade

1.2. Palavras chave

Centros Locais de Aprendizagem (CLA), Redes virtuais, Comunidades de Prática (CoP), Glocalização, Dinâmicas Locais.

1.3. Critérios de excelência nos quais se enquadra a boa prática

<input type="checkbox"/>	Liderança
<input type="checkbox"/>	Estratégia e resultados
<input type="checkbox"/>	Pessoas
<input type="checkbox"/>	Alianças e recursos
<input type="checkbox"/>	Processos, produtos e serviços
<input type="checkbox"/>	Clientes
<input type="checkbox"/>	Responsabilidade social

2. Dados da organização responsável pela prática

Instituição responsável

Universidade Aberta

Localidade

Lisboa

Telefone/Fax

+351 21 391 63 00 / +351 30000 2936

Página web da Instituição/Faculdade/Escola/Centro

<http://www.uab.pt>

3. Dados da pessoa responsável pela prática

Nome e apelido

Adelaide Millán da Costa, com a colaboração de Carla Farinha, Alexandra Sevinate Pontes e Susana Mântua

Cargo

Coordenadora Executiva da Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem

Unidade/Faculdade/Escola

Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem da Universidade Aberta

Correio eletrónico

Umcla.coord@uab.pt

Telefone/Fax

+351 30000 2845

Página web da prática

<http://www.uab.pt/web/guest/organizacao/umcla>

4. Características da Prática

4.1. Resumo da prática

Esta prática traduz-se na solução delineada para supervisionar e monitorizar as múltiplas atividades desenvolvidas no terreno pelos coordenadores dos Centros Locais de Aprendizagem (CLA) da Universidade Aberta (UAb), que atualmente correspondem a um total de treze polos ligados em rede, disseminados pelo território nacional e um no estrangeiro (Moçambique, em funcionamento desde setembro de 2012).

O conceito de glocalização orientou a criação, em 2007, do organismo - Centro Local de Aprendizagem - que hoje se encontra contemplado na estrutura orgânica da UAb. A noção de CLA, desenhada por uma universidade de ensino a distância, consubstancia a aposta na proximidade física enquanto mecanismo de difusão das potencialidades do ensino/aprendizagem virtual, bem como a assunção de uma responsabilidade social da instituição junto das comunidades locais. Assim, para além do suporte logístico de atividades académicas da UAb, os CLA encontram-se particularmente vocacionados para valorizar a especificidade das comunidades em que se inserem, pela promoção de iniciativas culturais, realizadas em colaboração com entidades locais e regionais, públicas e privadas. Ou seja, os CLA foram pensados como polos físicos que estabelecem pontes entre o local e o global. O projeto dos CLA foi planificado ao longo do biénio 2007/2008, tendo sido implementado progressivamente a partir de meados de 2008. O Grupo de Trabalho (GT) responsável por desenhar estas estruturas foi constituído por elementos do corpo docente (prioritariamente com responsabilidades de gestão) e do corpo técnico da UAb. O mandato desta equipa, atualmente com o estatuto de Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem (UMCLA) - não terminou com a conceção teórica do projeto, tendo-lhe sido acometida a responsabilidade de implantar e coordenar o funcionamento desta rede de centros.

Anteriormente, o esquema de suporte territorial da UAb, em Portugal, tinha redundado numa experiência que se verificou não corresponder às expectativas fundacionais. Com efeito, os CLA surgem como uma aposta na mudança do paradigma dos Centros de Apoio (CA) da Universidade Aberta, existentes desde a sua fundação. Os CA não eram mais do que polos instalados nas capitais de distrito, mais propriamente sediados em instituições concorrentes do ensino superior presencial, delineados para responder às necessidades dos estudantes no quadro do paradigma da segunda geração do EaD. Desta forma os CA acabaram por ser completamente desvirtuados face às valências previstas quando a UAb adotou o seu modelo pedagógico virtual (MPV) e todos os seus cursos passaram a ser ministrados em regime de elearning.

Impunha-se, assim, investir num modelo de organização inovador e sustentado, caracterizado pela eficácia e eficiência, em permanente articulação com as instâncias centrais da UAb e integrando-se nas dinâmicas locais – uma gestão presencial da virtualidade. (figura 1) Era este o desafio cuja solução a atual prática corporiza.

4.2. Abordagem da prática

Para compreender o alcance desta prática é exigível contextualizar a radical reconfiguração institucional implementada na UAb, desde 2006. Nesse ano (cumprindo o Plano Estratégico que tinha por horizonte temporal 2010), inicia-se o processo de virtualização da UAb, com o recurso às tecnologias de comunicação e informação e à conceção e adoção de um modelo pedagógico próprio, certificado internacionalmente (MPV – Modelo Pedagógico Virtual). Em sintonia e em sincronia com essa mudança estruturante, a UAb apostou na concretização do conceito de Centro Local de Aprendizagem, atribuindo-lhe um papel relevante no seu projeto educativo.

Enquanto Universidade a Distância, a UAb apoiou-se, desde a sua fundação (1988), numa malha territorial de polos físicos que respeitavam a divisão administrativa por distritos, privilegiando as suas capitais. Tratava-se dos Centros de Apoio (CA), sediados em instituições de ensino superior (IES) universitário e politécnico que, de acordo com o modelo de segunda geração de EaD tinham as seguintes valências: centros de recursos, centros de comunicação e informação (de natureza administrativa e logística), centros de orientação tutorial em múltiplas áreas científicas e centros de exame, centros de animação sociocultural e de formação pós-graduada. Os responsáveis pelos CA não mantinham qualquer vínculo à UAb. Em 2006, esta rede encontrava-se desvirtuada face às valências contratualizadas, estando o trabalho desenvolvido praticamente reduzido à realização de provas presenciais.

A estrutura CLA materializa-se no terreno com base em parcerias estabelecidas entre a UAb e os municípios. O articulado dos respetivos protocolos é inequívoco: confere às Câmaras Municipais atribuições ao nível das infraestruturas e dos equipamentos identificados como necessários à realidade física CLA; concede à UAb completa autonomia e responsabilidade na gestão do Centro, consubstanciada, em primeira instância, na seleção, remuneração, formação e supervisão do respetivo coordenador. Estas condições traduzem, no plano dos princípios, o grau 1 de controlo da UAb face a estes polos territoriais. Os CLA seriam verdadeiros postos avançados da UAb no terreno e os seus coordenadores os representantes, que fisicamente se encontram mais próximo dos estudantes e da comunidade local e regional. As funções dos coordenadores dos CLA são orientam-se pelos seguintes objetivos:

- . uniformizar práticas e rotinas pautadas pelo profissionalismo e pela eficácia, no que se refere ao suporte logístico e instrumental necessário a todos os estudantes residentes na área, à coordenação do processo de avaliação presencial e à divulgação da oferta educativa e da especificidade do seu sistema de ensino-aprendizagem da UAb;

- promover sinergias socioculturais, educativas e cívicas, enquadradas nas dinâmicas locais e respeitando as características da respetiva zona de influência.

O grau 2 no plano de controlo da UAb sobre os CLA pressupunha o desenho de uma solução para gerir, a partir da UAb, o funcionamento destas estruturas. Adotou-se por premissa que só uma continuada e ativa relação de proximidade, envolvendo os responsáveis centrais do projeto e os coordenadores dos CLA, concretizaria esse propósito. Para tanto, a equipa de coordenadores dos CLA foi dinamizada a partir da noção de Comunidades de Prática (CoP), grupos de pessoas que partilham interesses e desenvolvem competências em áreas comuns, interagindo e colaborando, regularmente, em comunidade virtual. Teoricamente, as CoP definem-se a partir de três

atributos - empreendimento comum, envolvimento mútuo e partilha de experiências e saberes - sendo fundamental a existência de laços de confiança, de cooperação e de colaboração²⁸. Construir e manter uma CoP traduziu-se no núcleo substantivo desta prática. Assim, o grupo usa ferramentas de comunicação assíncronas e síncronas para a discussão e análise de contextos de ação diversificados, como: análise e resolução de problemas, definição de rotinas e circuitos de decisão, partilha de experiências, discussão de projetos, criação de parcerias e apresentação obrigatória de relatório das atividades realizadas. Não menos importante, dada a dispersão geográfica dos coordenadores, a comunicação cumpre, igualmente, uma finalidade integradora e socializadora.

4.3. Implementação da prática

ATIVIDADES	DURAÇÃO	RECURSOS
I – PLANIFICAÇÃO a) Elaboração do relatório avaliação e reestruturação dos CLA; b) Conceção e desenho das valências da estrutura CLA; c) Definição do articulado dos protocolos a estabelecer entre a UAb e as autarquias, de acordo com a estratégia da instituição; d) Definição do perfil do coordenador de CLA.	janeiro 2007 a abril 2008.	Grupo de Trabalho (GT) constituído por um elemento da equipa reitoral, a presidente do conselho pedagógico, as diretoras das delegações do Porto e de Coimbra e a administradora da UAb.
II) IMPLEMENTAÇÃO a) Seleção de coordenadores dos CLA; b) Conceção do Plano de Formação em Intervenção Comunitária a frequentar pelos coordenadores de CLA; c) Curso online de formação dos coordenadores (duração =três meses) após curta formação presencial; d) Início da construção da Comunidade de Prática – CoP (dinamização da interação social); Início da atividade dos coordenadores no terreno; e) Criação da secretaria online dos CLA (ligação entre os	maio a setembro 2008 setembro a novembro 2008 dezembro 2008 a março 2009	a) Todos os membros do GT; b) Membro do GT doutorado em Ciências de Educação; c) Membro do GT doutorado em Ciências de Educação; d) Todos os membros do GT; e) Integração de uma técnica superior no GT, estabelecendo a ponte entre os coordenadores e os serviços da UAb; f) GT transforma-se em Unidade de Missão (UMCLA) Cessação de

²⁸ Wenger, E. (1998). *Communities of Practice. Learning, Meaning and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press

coordenadores e os serviços da UAb); f) Estruturação do espaço online de supervisão e acompanhamento dos coordenadores; g) Primeira avaliação do projeto pelos coordenadores dos CLA e apresentação de resultados pelos responsáveis do GT em evento científico internacional.	setembro de 2009	funções da administradora no GT.
III) CONSOLIDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO a) Aumento do número de coordenadores efetivos dos CLA (+ 4) e respetiva integração na Comunidade de Prática; b) Nova edição da formação online para coordenadores de CLA; c) Início da avaliação institucional do desempenho dos CLA e da UMCLA; d) Simplificação de procedimentos de interação entre os coordenadores dos CLA e todos os serviços da UAb.	2010 2011 2012	a) Integração de outra técnica superior na UMCLA; b) Membro do GT doutorado em Ciências de Educação; c) Redefinição do enquadramento institucional; (coordenação executiva) e da composição da UMCLA; Integração de um técnico superior de informática. d) Técnico superior de informática adscrito à UMCLA e) Integração de uma técnica superior para coordenar CLA a estabelecer fora de Portugal (especialmente nos PLOP)

a. **Resultados da prática** - Sendo o objetivo do projeto de implementação dos CLA da UAb criar e manter um forte vínculo comunicacional e de pertença entre os responsáveis pelos polos físicos disseminados pelo território nacional (e um internacional) e os seus órgãos e serviços centrais, conclui-se que a operacionalização desta prática o concretizou. Contudo, só de forma tangencial e indireta os dados quantitativos que de seguida se apresentam permitem avaliar o processo de monitorização online dos coordenadores, através da construção de uma CoP. Os valores apresentados testemunham a eficácia do trabalho desenvolvido pelos coordenadores.

i. Aumento do número de estudantes inscritos na UAb com alteração da sua proveniência geográfica (*quadro 1 e gráficos 1 a 3*).

ii. Desenvolvimento de novas dinâmicas socioculturais locais, gerando efeitos muito positivos para as comunidades pela formação acadêmica e cultural que proporcionam (*quadro 2, gráfico 4*).

iii. Ampliação da rede de colaboração interinstitucional da UAb, no âmbito local e regional (*figura 2*).

Desde a implementação dos CLA, cada coordenador tem vindo a desenvolver um trabalho sistemático de integração nos contextos sociais, económicos, culturais e educativos da área de abrangência do seu centro, que se traduz no estabelecimento de múltiplos protocolos. Contam-se parcerias tão diversificadas quanto as celebradas com instituições de solidariedade social, comunidades intermunicipais, associações de desenvolvimento local, associações empresariais, centros de formação, museus e bibliotecas e órgãos de comunicação social. Destaca-se, contudo, o papel cada vez mais importante assumido pelos CLA nos Conselhos Municipais de Educação²⁹.

iv. Evidentes benefícios financeiros para a UAb

A UAb tem como encargo o salário do coordenador e o pagamento das vigilâncias das provas de avaliação presenciais, efetuadas por um conjunto de vigilantes, devidamente habilitados (*quadro 3, gráfico 5*), sendo encargos dos municípios os custos relacionados com a logística inerente ao funcionamento do CLA bem como dos espaços alocados quer às provas presenciais quer aos eventos.

v. Elevado grau de satisfação por parte dos estudantes

O grau de satisfação dos estudantes relativamente aos serviços prestados pelos CLA, conforme apurado recentemente no inquérito de satisfação aos estudantes da UAb (*gráfico 6*).

b. **Avaliação e revisão da prática** - Por se tratar de um projeto inovador e com uma dimensão e um impacto sociocultural considerável, num contexto de trabalho colaborativo, de partilha do conhecimento e de gestão dos procedimentos, o projeto foi alvo, ao longo dos últimos seis anos, de um sistemático processo de avaliação por parte de todos os participantes, cumprindo, aliás, uma das premissas que sustenta a construção e, sobretudo, a manutenção e consolidação de uma CoP. Assim, os coordenadores dos CLA apreciam, anualmente, a CoP que integram, com recurso a instrumentos de autoavaliação dos processos de colaboração. Em modo mais informal, no espaço online (*figura 1*), os coordenadores examinam continuamente quer o funcionamento do grupo, quer a sua articulação com os restantes serviços da

²⁹ Decreto-Lei n.º 7/2003, de 15 de Janeiro

UAb e as propostas de melhoria que daí resultam implementam-se, desde que sejam exequíveis. Por outro lado, qualquer iniciativa organizada localmente é objeto de um relatório fundamentado³⁰ e pormenorizado, publicado no espaço da plataforma Moodle, criado para os CLA, sendo analisado por todos. Por sua vez, os membros da UMCLA, para além de se manterem em contacto permanente num espaço online próprio, reúnem presencialmente de dois em dois meses.

As sucessivas alterações na estrutura de supervisão dos CLA correspondem a diversas incorporações de melhorias e de operacionalização, resultantes da avaliação constante. Assim, a UMCLA, ainda que tenha conservado ao longo dos seis anos os seus membros fundadores, foi-se formalizando numa unidade com uma clara divisão de funções no seu interior e a agregação de novos membros correspondeu a novas valências adquiridas, no cumprimento da estratégia delineada pelos órgãos dirigentes da UAb.

Realiza-se, anualmente, um encontro presencial de três dias, que reúne todos os coordenadores dos CLA, a UMCLA e os responsáveis pelos vários serviços e unidades orgânicas da UAb, promovendo o contacto direto e cimentando as relações que se estabelecem virtualmente ao longo do ano. Uma das atividades consiste na elaboração de uma análise SWOT do projeto, com o objetivo de identificar oportunidades de melhoria na forma de funcionamento dos CLA e definir o plano de ação para o ano subsequente.

Quer a UMCLA quer os CLA estão integrados no mapeamento estratégico da UAb, encontrando-se os respetivos planos de atividades alinhados com os objetivos traçados e as metas definidas. Os procedimentos dos CLA encontram-se incluídos no âmbito do Sistema de Gestão da Qualidade da UAb.

c. **Caráter inovador e replicabilidade** - Esta experiência de conceção, implementação e monitorização dos CLA assenta, de forma primordial, na deliberada aposta em pessoas com um perfil adequado para as funções, na motivação, na criação de laços e valores, na valorização da ideia de pertença, em resumo, na construção de uma rede de confiança e uma CoP. A eficácia da gestão desta estrutura baseia-se na construção e na manutenção de um clima organizacional muito satisfatório, em consonância com o estabelecimento de regras e metas claras. Subsidiariamente, em termos técnicos, apenas foi necessário o recurso a uma plataforma que permite a comunicação e a partilha de informação (Moodle).

O facto de a equipa central do projeto ser constituída por professores e técnicos é uma mais-valia que tem dado os seus frutos, mercê do cruzamento de diferentes formações, perspetivas e ângulos de abordagem dos problemas e das soluções.

Apesar da simplicidade das premissas em que se alicerça e dos escassos recursos tecnológicos que envolve, é inquestionável, pelos resultados apresentados, o contributo desta prática na projecção nacional da UAb, do seu modelo de ensino/aprendizagem e da sua afirmação enquanto instituição com responsabilidade social.

³⁰ Salienta-se que é prática comum nos CLA proceder à avaliação circunstanciada de todos os eventos realizados.

A experiência poderá ser replicada por instituições universitárias que dependam de um trabalho concertado entre agentes dispersos geograficamente, como acontece com as universidades a distância. A existência de polos de apoio presencial é considerada em vários referenciais de qualidade em EaD³¹ como fundamental para o desenvolvimento dos processos pedagógicos e administrativos do processo de ensino/aprendizagem.

5. Informação complementar

³¹ <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>; Angulski, Thiago (2011) acessado em 7.3.2013 e disponível em <http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/26060/3.35.pdf?sequence=1>

UAB » COORDENAÇÃO CLAS 2012_2013 Mudar estatuto par... Modo de Edição

Pessoas

Utilizadores

Utilizadores activos

(nos últimos 5 minutos)

Susana Mártins

Procurar nos fóruns

Executar!

Procura avançada

Administração

- Modo de Edição
- Configurações
- Atribuir estatutos
- Notas
- Grupos de trabalho
- Cópia de segurança
- Restaurar
- Importar
- Restrições
- Relatórios
- Perguntas
- Ficheiros
- Anular inscrição de Coordenação CLAs 2012_2013
- Perfil


Unidades curriculares

- COORDENAÇÃO CLAS 2012_2013
- CQES COORDENAÇÃO CURSO 2012
- CQES SECRETARIA ONLINE 2012
- ESPAÇO ABERTO A DOCENTES EXTERNOS DA UAB
- ESPAÇO DE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA TCA
- ESPAÇO DOCENTE DEE TC ANGLOLA 09/10
- MODELO PEDAGÓGICO VIRTUAL - APOIO A
- ESTUDANTES
- UMCLA
- COORDENADORES_CLAS_2010 (FORMAÇÃO)
- CORRENTES ESTÉTICAS EUROPEIAS 2011 01
- CQES COORDENAÇÃO DOCENTES 2011
- DEPTCA_DIREITO ADMINISTRATIVO_10/12

Lista de tópicos

Espaço de Coordenação dos CLAs

2012-2013



- Notícias
- Informações gerais
- Fórum das Alternativas
- Disseminação da informação
- Investigação
- Dinamização sócio-cultural
- CLAs / Autarquias
- Parcerias/Protocolos
- Reportagem fotográfica de eventos
- Relatórios de atividades (2012-2013)

à

margin ou talvez não

Endereços de entidades culturais

Eventos seguintes

Não há eventos próximos

Ir ao calendário...
Novo evento...

Calendário

Março 2012

Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31


Chave de eventos

- Global
- Disciplina
- Grupo
- Utilizador

UMCLA

- COORDENADORES_CLAS_2010 (FORMAÇÃO)
- CORRENTES ESTÉTICAS EUROPEIAS
- 2011 01
- CQES COORDENAÇÃO DOCENTES
- 2011
- DEETCA_DIREITO
- ADMINISTRATIVO_10/12
- DEETCA_DIREITO
- CONSTITUCIONAL_10/12
- DEETCA_DIREITO
- TRIBUTÁRIO_10/12
- DEETCA_DIREITO_DIREITO
- ECONÓMICO_11/12
- DEETCA_DIREITO_DIREITO
- FINANCEIRO_11/12
- DEETCA_GESTÃO_AUDITORIA DE
- GESTÃO_09/11
- DEETCA_GESTÃO_CCG_09/11_T1
- DEETCA_GESTÃO_CCG_09/11_T2
- DEETCA_GESTÃO_CFA_09/11_T1
- DEETCA_GESTÃO_CFA_09/11_T2
- DEETCA_GESTÃO_FINANÇAS E

1 Assessoria Online



Matisse

Despachos Reitorais

Documentos Gerais

Relatório Auditoria

- Informações Gerais
- Informações Serviços Académicos
- Desmaterialização da burocracia (ou não!)

2

Resultados da prática

- 1) Aumento do número de estudantes inscritos na UAb com alteração da sua proveniência geográfica

Número de estudantes com residência na área de abrangência dos CLA				
CLA	2008-09	2009-10	2010-11	2011-12
Abrantes	114	152	225	221
Cantanhede	129	210	243	240
Coruche	220	326	433	386
Grândola	114	210	296	262
Mêda	15	49	62	59
Peso da Régua	163	245	322	302
Ponte de Lima	205	224	437	492
Praia da Vitória	176	290	319	326
Reguengos de Monsaraz	134	199	330	325
Ribeira Grande	49	95	114	144
S. João da Madeira	161	230	387	401
Sabugal	121	158	210	183
Silves	215	343	492	523
Total	1816	2731	3870	3864

Quadro 1: Número de estudantes com residência na área de abrangência dos CLA nos anos letivos 2008/09 a 2011/12.

Número de estudantes por área de abrangência dos CLA (2008-09)

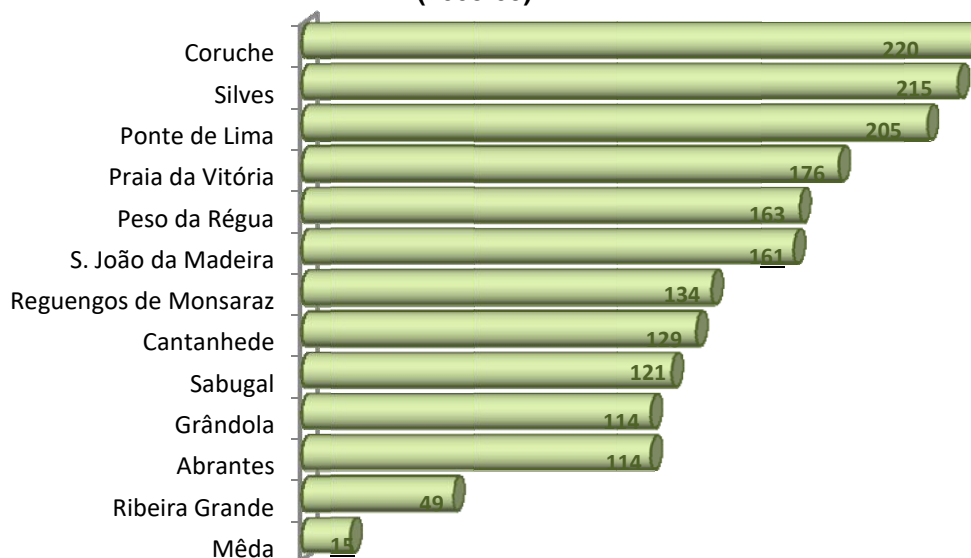


Gráfico 1: Número de estudantes da UAb residentes na área de abrangência dos CLA (ano letivo 2008/09, antes da consolidação da rede dos CLA).
Número de estudantes por área de abrangência dos CLA

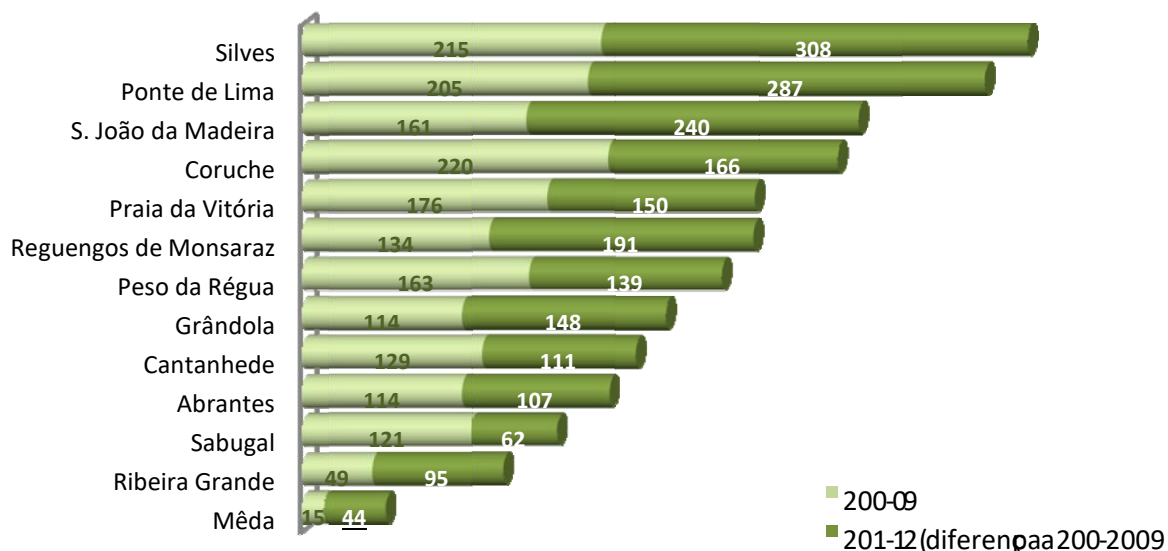


Gráfico 2: Número de estudantes da UAb residentes na área de abrangência dos CLA (2008/09 e respetivo acréscimo em 2011/12).

Taxa de crescimento média anual de estudantes¹ nos CLA (2008/09 a 2011/12)

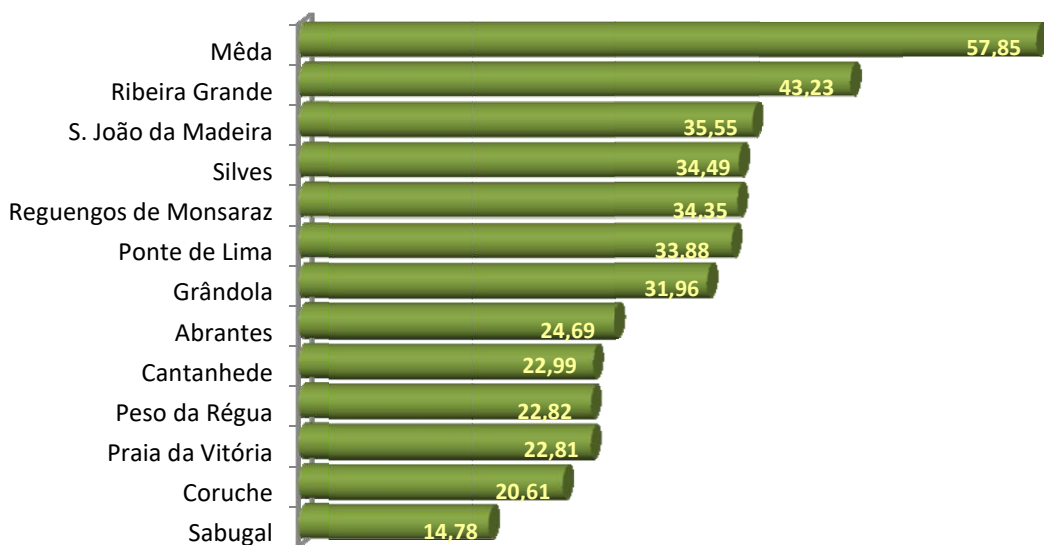


Gráfico 3: Taxa de crescimento média anual de estudantes na abrangência dos CLA (anos letivos 2008/09 a 2011/12).

$$TCMA = ((Nf/Ni)^{1/n} - 1) * 100$$

TCMA = taxa de crescimento média anual

Nf = N° de estudantes no ano letivo 2011/12

Ni = N.º de estudantes no ano letivo 2008/09 N = nº de anos considerados

2) Desenvolvimento das dinâmicas socioculturais locais

Centro Local de Aprendizagem (CLA)	Encontro de estudantes	Feira/Exposição	Conferência	Ação de Sensibilização	Tertúlia	Workshop	Colóquio	Totais
Peso da Régua	2	2	1					5
Ponte de Lima	1	3	1		1		1	7
Praia da Vitória	1	3	2	1				7
Coruche	3	2	1				1	7
Abrantes	3			2		1	1	7
Ribeira Grande		2	1		1	2	1	7
São João da Madeira	1	2	2	1	1	1		8
Silves	4	1		2		1		8
Reguengos de Monsaraz	1	4	1	1		1	1	9
Grândola	1	3	4		1	1		10
Sabugal	2	1		3	3	1		10
Mêda	5	1	1	1	2		1	11
Cantanhede	4	1	2	4	1	1		13
Totais	28	25	16	15	10	9	6	109

Quadro 2: Número de atividades socioculturais desenvolvidas por CLA e por tipologia (2012).

**Dinâmicas Socioculturais nos CLA
(2012)**

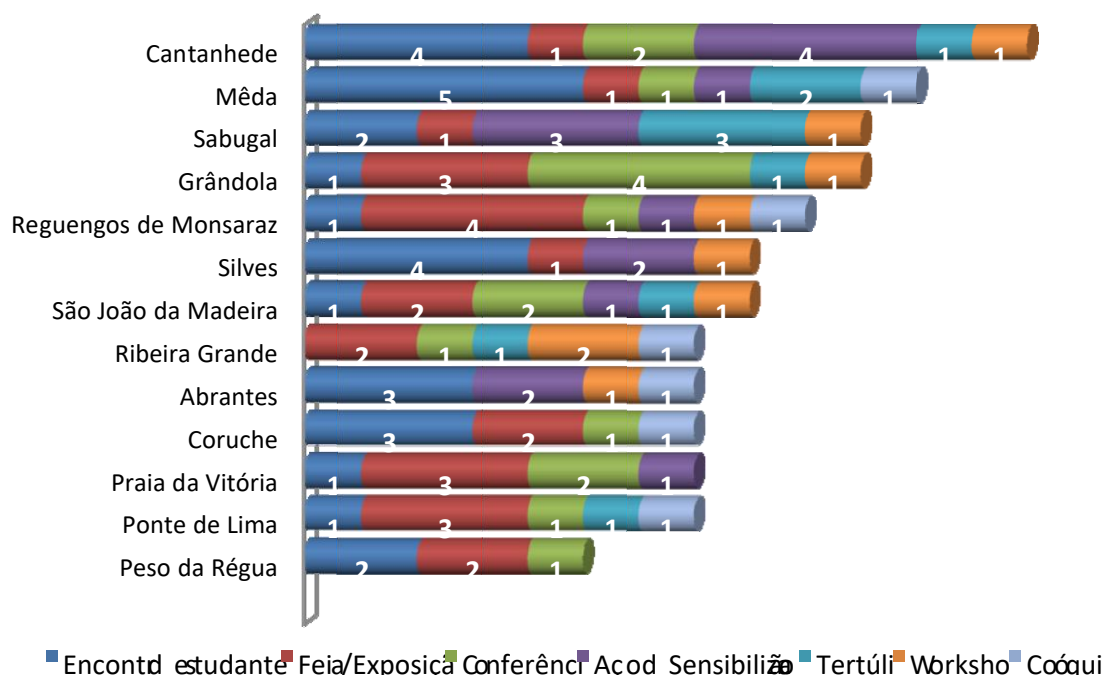


Gráfico 4: Número de atividades socioculturais desenvolvidas por CLA e por tipologia (2012).

Número de inscrições em provas de avaliação presenciais nos CLA	
CLA	2012
Cantanhede	3
Sabugal	761
Peso da Régua	1258
Mêda	1342
R. Grande	1745
Praia da Vitória	1768
Coruche	1790
Reguengos de Monsaraz	1983
Abrantes	2053
Grândola	2070
Ponte-Lima	2235
S. João Madeira	2413
Silves	3831
Totais	23252

Quadro 3: Número de inscrições em provas de avaliação presenciais, por CLA (2012).

Número inscrições em provas de avaliação presenciais (2012)

Nota: O CLA de Cantanhede iniciou a realização de provas de exame presenciais no final de 2012.

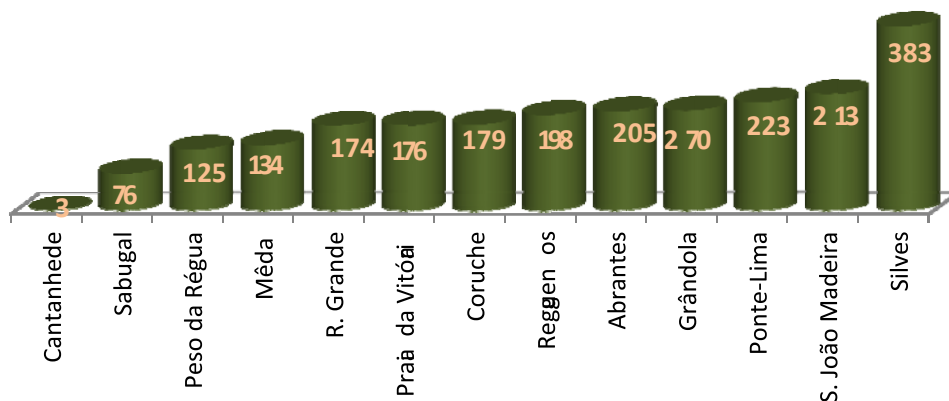


Gráfico 5: Número de inscrições em provas de avaliação presenciais, por CLA (2012).

CENTROS LOCAIS DE APRENDIZAGEM

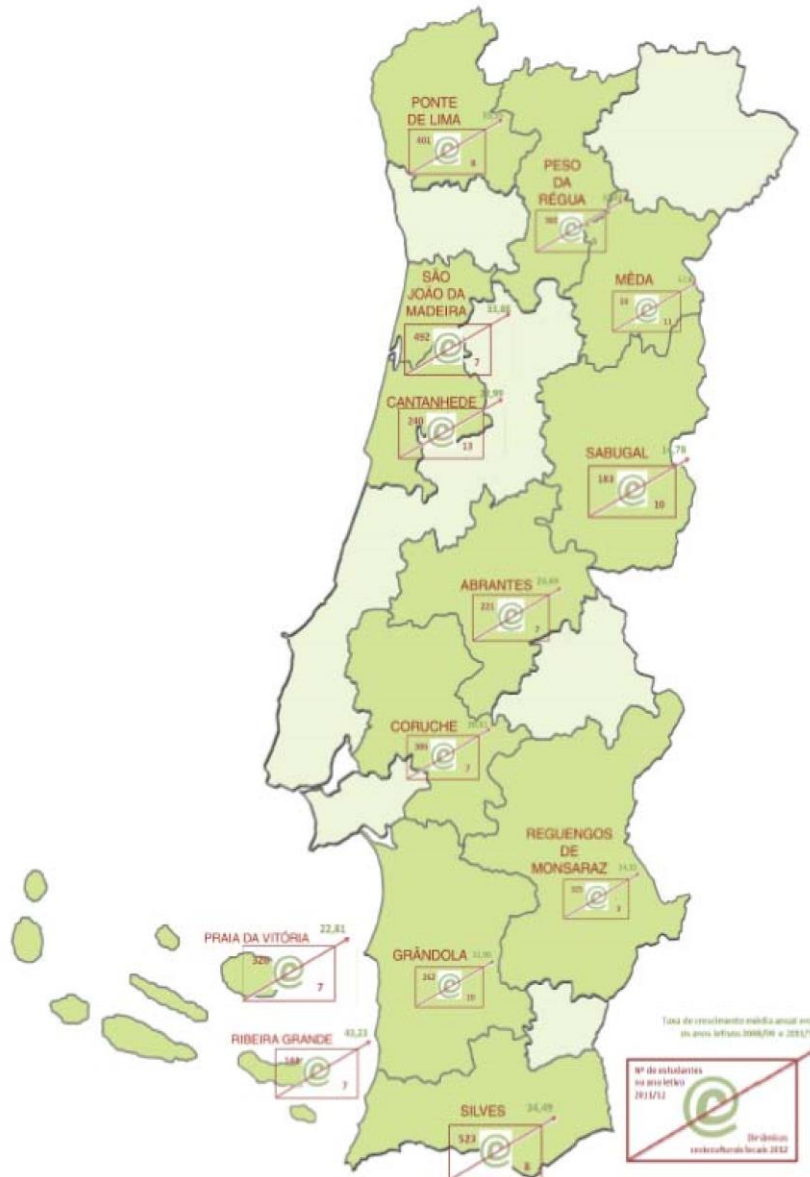


Figura 1: Centros Locais de Aprendizagem (CLA) da UAb: Número de estudantes no ano letivo 2011/12, atividades socioculturais desenvolvidas no ano 2012 e taxa de crescimento média anual entre os anos letivos 2008/09 e 2011/12.

Grau de satisfação dos estudantes residentes na área de abrangência dos CLA (2012).

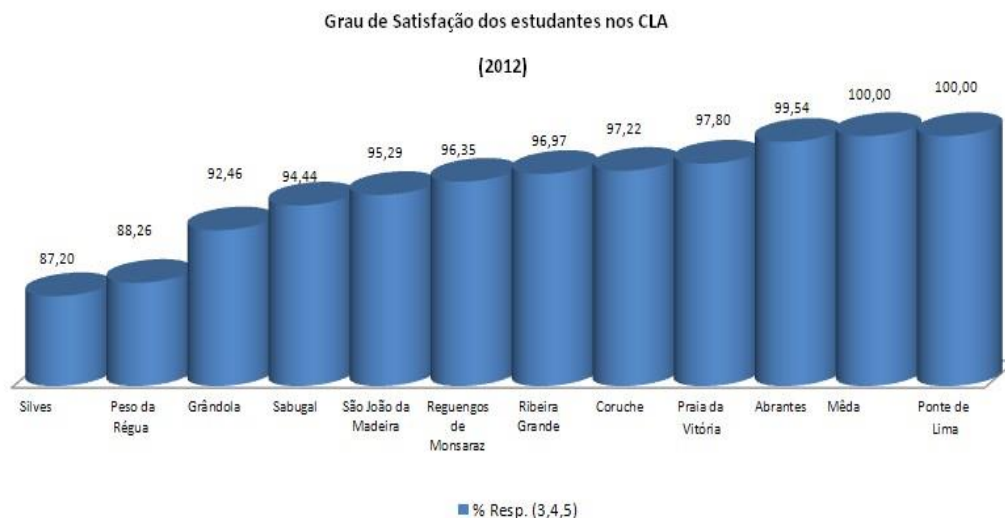


Gráfico 6: Grau de satisfação estudantes relativamente aos serviços prestados pelos CLA, em 2012, incluindo as atividades socioculturais³² e provas de avaliação presenciais³³.

³² Questões do inquérito relativas às atividades socioculturais (eventos) incluem: Atitude dos colaboradores (disponibilidade, simpatia, cortesia); Competência e profissionalismo dos colaboradores; Ferramentas de divulgação; Informação disponível na divulgação; Interesse pessoal; Relevância dos eventos face ao curso que está a frequentar; Serviços de apoio à organização de eventos

³³ Questões do inquérito relativas às provas de avaliação presenciais incluem: Instalações onde decorrem as provas; Instruções prestadas durante as provas

DO GRUPO À UNIDADE DE MISSÃO: OS DOCUMENTOS OFICIAIS

- Despacho nº 7/R/2007 – Nomeação do GT para análise da rede de Centros de Apoio
- Despacho nº 38/R/2008 – Confirmação da nomeação do GT
- Despacho nº 400/R/2009 – Criação da UMCLA
- Portaria 83-A/2009 22 de janeiro – Júri de seleção dos coordenadores dos CLA
- Despacho nº 128/R/2011 – Nomeação da equipa da UMCLA
- Despacho nº 53/R/2012 – Nova nomeação da UMCLA
- Despacho nº 109/R/2013 – Nova nomeação da UMCLA

DESPACHO N.º7/R/2007

Numa instituição de ensino superior vocacionada para o ensino a distância, assumem especial relevância os instrumentos, as estruturas e os procedimentos pedagógicos destinados ao apoio de estudantes predominantemente colocados em situação de auto-aprendizagem. Por isso mesmo, desde a sua criação a Universidade Aberta procedeu à instalação e procurou dinamizar o funcionamento de uma rede de centros de apoio, normalmente em colaboração com outras instituições de ensino superior. Com o decorrer dos anos e também com a emergência de ferramentas de ensino e aprendizagem inexistentes ou apenas incipientes quando aquela rede foi criada, foi-se tornando evidente a necessidade de se repensar a lógica e a funcionalidade daqueles centros de apoio.

Com a aprovação e progressiva activação do Plano Estratégico da Universidade Aberta para 2006-2010, torna-se agora oportuno tomar medidas decorrentes do que acima fica dito. Com efeito, uma das 25 acções previstas no referido Plano Estratégico alude expressamente à "reestruturação da rede de centros de apoio, levando ao desenvolvimento de uma rede local de apoio à aprendizagem a distância, vocacionada para os novos ambientes virtuais e com intervenção directa das delegações da Universidade Aberta".

Assim, com a finalidade de analisar a situação actual da rede de centros de apoio e de eventualmente propor a criação de soluções alternativas com outro formato, renovada funcionalidade e diferente dimensão, é criado um grupo de trabalho com a seguinte constituição:

- Prof. Domingos Cacito, Pró-Reitor (que coordenará);
- Prof. Adelaide Millán Costa, Presidente do Conselho Pedagógico;
- Prof. Luísa Lebrão Aires, Directora da Delegação Norte;
- Prof. Maria do Rosário Cunha, Directora da Delegação Centro;
- Dra. Maria das Dores Ribeiro, Administradora.

REITORIA

DESPACHO N.º38/R/2008

A execução do Despacho nº 7/R/2007, relativo à análise da rede de Centros de Apoio da Universidade Aberta, traduziu-se num relatório que, em termos circunstanciados e bem fundamentados, descreve a situação actual, abrindo caminho, de forma justificada, ao desenvolvimento de soluções e funcionalidades alternativas.

A fim de se dar corpo a essas soluções e funcionalidades, torna-se necessário confirmar a nomeação do grupo de trabalho constituído para os fins acima mencionados, no sentido de se proceder ao desenvolvimento que ficou referido. O grupo de trabalho em causa tem a seguinte constituição:

- Prof. Domingos Caeiro, Pró-Reitor (que coordena);
- Prof^a Adelaide Millán Costa, Presidente do Conselho Pedagógico;
- Prof^a Luísa Lebres Aires, Directora da Delegação Norte;
- Prof^a Maria do Rosário Cunha, Directora da Delegação Centro;
- Dra. Maria das Dores Ribeiro, Administradora.

Os contactos institucionais a que houver lugar, designadamente com instituições do ensino superior e com autarquias, serão da responsabilidade do Senhor Pró-Reitor, sempre que necessário com o meu apoio directo.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 2008.

O REITOR



Prof. Doutor Carlos Reis



AbERTA

Reitoria

Despacho nº 400/R/2009

UNIDADE DE MISSÃO para os CENTROS LOCAIS DE APRENDIZAGEM

As mudanças que se fazem sentir no Ensino Superior exigem a integração de esforços de diferentes grupos sociais para a identificação de novos públicos e de novas vias de aprendizagem. Do mesmo modo, as profundas alterações que urge fomentar na Educação de Pessoas Adultas exige uma intervenção sustentada nas dinâmicas locais, bem como a promoção de competências no uso das Tecnologias Digitais.

Os Centros Locais de Aprendizagem, ao mesmo tempo que participam na divulgação e concretização do projecto educativo da UAb, estão especialmente vocacionados para responder às exigências atrás enunciadas.

Assim, e sem prejuízo de, logo que tal se justifique, ser criada uma Unidade Organizacional para cumprir estes objectivos, é desde já criada, pelo presente despacho, uma Unidade de Missão que constituirá uma estrutura de coordenação e supervisão da actividade dos Centros Locais de Aprendizagem.

A Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem (UMCLA), funcionará na directa dependência do Reitor, integrando-se nela um dos elementos da equipa reitoral que terá a responsabilidade da respectiva coordenação.

A UMCLA terá as seguintes atribuições:

- Supervisionar os Centros Locais de Aprendizagem nacionais e internacionais da UAb, e respectivos Centros de Exames.
- Propor a criação de novos Centros Locais de Aprendizagem, definindo a logística necessária ao seu funcionamento.

SEDE | PALÁCIO CEIA
Rua da Escola Politécnica, 147
1269-001 Lisboa Portugal
Tel.: (+351) 213 916 300
Fax: (+351) 213 973 229
e-mail: reitoria@univ-ab.pt
www.univ-ab.pt

- Promover parcerias com entidades e organismos locais e regionais orientados para:
 - a) a criação de novos CLAs;
 - b) a identificação de necessidades educativas e formativas;
 - c) a dinamização conjunta de iniciativas culturais e científicas.
- Definir os perfis dos Coordenadores dos CLAs.
- Organizar e intervir nos procedimentos de selecção dos Coordenadores dos CLAs.
- Formar os Coordenadores dos CLAs, orientar a sua formação contínua e avaliar o seu desempenho.
- Desenhar e promover o funcionamento em rede dos CLAs, numa lógica departamental e em contextos de comunicação *online* e presenciais.
- Realizar estimativas de custos dos CLAs e identificar soluções de financiamento das acções desenvolvidas.
- Garantir a mediação necessária ao funcionamento dos CLAs, nas seguintes áreas: serviços académicos, serviço de exames, contabilidade, centro de documentação, informação e comunicação, imprensa, secção de pessoal, UALV, eventos científicos e culturais, protocolos, projectos e cursos conjuntos, investigação.
- Mediar a presença da Universidade em eventos culturais, científicos, bem como a sua participação nos *media* locais e regionais.
- Participar na criação e dinamização dos Cursos de Verão da UAb, através dos CLAs.
- Participar em observatórios e conselhos consultivos locais, nas áreas da educação e formação.
- Desenvolver projectos de investigação em áreas prioritárias dos CLAs (Desenvolvimento Local, Certificação de Competências, Aprendizagem ao Longo da Vida, Políticas Educativas Locais, Inclusão Digital).

Nomeio os seguintes Membros para a Unidade de Missão:

Prof. Doutor Domingos Caeiro (em que é delegada a coordenação)

Prof. Doutor Ulisses Azeiteiro

Prof^a Doutora Luísa Lebres Aires

Prof^a Doutora Adelaide Millán Costa

Prof^a Doutora Maria do Rosário Cunha

Prof^a Doutora Paula Nicolau

Dr^a Fernanda Marques Mexia

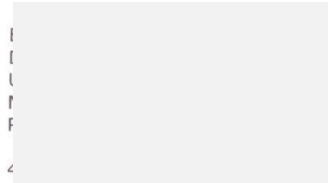
Pelo presente Despacho é extinto o Grupo de Trabalho para a reestruturação dos Centros de Apoio da Universidade Aberta, criado pelo Despacho N^o 7/R/2007, sendo transferidas todas as competências anteriormente exercidas por aquele Grupo de Trabalho para a unidade de missão constituída nos termos do presente Despacho.

Lisboa, 18 de Dezembro de 2009



O Reitor

Professor Doutor Carlos Reis



SOF-ARH/243/2009

09-11-16 22526 -

Assunto: Procedimento concursal comum, para preenchimento de cinco postos de trabalho da carreira Técnica Superior

Pelo Despacho Reitoral nº 184/R/2009, foi designado o júri que irá assegurar a tramitação do procedimento concursal referido em assunto e que tem a seguinte composição:

- . Presidente: Pró-Reitor, Professor Doutor Domingos José Alves Caeiro
- . 1º vogal efectivo: Professora Doutora Adelaide Maria Pacheco Lopes Pereira Millan da Costa
- . 2º vogal efectivo: Professora Doutora Maria do Rosário da Cunha Duarte
- . 1º vogal suplente: Professora Doutora Maria Luísa Lebre Aires
- . 2º vogal suplente: Licenciada Carla Marisa Pestana Vidal de Sousa

Nesta conformidade, o júri deverá dar início ao disposto no artigo nº 22º da Portaria nº 83-A/2009 de 22 de Janeiro, que anexamos.

Com os melhores cumprimentos.

SOF – Área de Recursos Humanos

Eulália Nobre
(Chefe de Equipa)

SEDE | PALÁCIO CEIA
Rua da Escola Politécnica, 147
1269-001 Lisboa Portugal
Tel.: (+351) 213 916 300
Fax: (+351) 213 973 229
e-mail: gic@univ-ab.pt
www.univ-ab.pt

PORTARIA 83-A/2009 de 22 de Janeiro

Artigo 22.º

Competência do júri

1 - Compete ao júri assegurar a tramitação do procedimento concursal, desde a data da sua designação até à elaboração da lista de ordenação final, ainda que, por iniciativa ou decisão do dirigente máximo, o procedimento possa ser parcialmente realizado por entidade especializada pública ou, quando fundamentadamente se torne inviável, privada, designadamente no que se refere à aplicação de métodos de selecção.

2 - É da competência do júri a prática, designadamente, dos seguintes actos:

- a) Decidir das fases que comportam os métodos de selecção, obrigatoriamente ouvidas as entidades que os vão aplicar;
- b) Seleccionar os temas a abordar nas provas de conhecimentos;
- c) Fixar os parâmetros de avaliação, a sua ponderação, a grelha classificativa e o sistema de valoração final de cada método de selecção;
- d) Requerer ao órgão ou serviço onde o candidato tenha exercido ou exerça funções, ou ao próprio candidato, as informações profissionais e, ou, habilitacionais que considere relevantes para o procedimento;
- e) Deliberar e fundamentar, por escrito, sobre a admissão dos candidatos que, não sendo titulares do nível habilitacional exigido, apresentem a candidatura ao procedimento, bem como notificá-los, e aos restantes candidatos, dessa deliberação, nos termos dos n.os 2 a 5 do artigo 51.º da LVCR;
- f) Admitir e excluir candidatos do procedimento, fundamentando por escrito as respectivas deliberações;
- g) Notificar por escrito os candidatos, sempre que tal seja exigido;
- h) Solicitar ao dirigente máximo do órgão ou serviço que realiza o procedimento a colaboração de entidades especializadas públicas ou, quando fundamentadamente se torne inviável, privadas, quando necessário, para a realização de parte do procedimento;
- i) Dirigir a tramitação do procedimento concursal, em articulação e cooperação com as entidades envolvidas, designadamente no que respeita à apreciação dos resultados dos métodos de selecção por elas aplicados;
- j) Garantir aos candidatos o acesso às actas e aos documentos e a emissão de certidões ou reproduções autenticadas, no prazo de três dias úteis contados da data da entrada, por escrito, do pedido.

3 - Os elementos referidos na alínea c) do número anterior são definidos em momento anterior à publicitação do procedimento.



4 - A calendarização a que o júri se propõe obedecer para o cumprimento dos prazos estabelecidos na presente portaria é definida, obrigatoriamente, nos 10 dias úteis subsequentes à data limite de apresentação de candidaturas.

Artigo 23.º

Funcionamento do júri

1 - O júri delibera com a participação efectiva e presencial de todos os seus membros, devendo as respectivas deliberações ser tomadas por maioria e sempre por votação nominal.

2 - As deliberações do júri devem ser fundamentadas e registadas por escrito, podendo os candidatos ter acesso, nos termos da lei, às actas e aos documentos em que elas assentam.

3 - Em caso de impugnação, as deliberações escritas são facultadas à entidade que sobre ela tenha que decidir.

4 - O júri pode ser secretariado por pessoa a designar para esse efeito pelo dirigente máximo do órgão ou serviço.

Artigo 24.º

Prevalência das funções de júri

1 - O procedimento concursal é urgente, devendo as funções próprias de júri prevalecer sobre todas as outras.

2 - Os membros do júri incorrem em responsabilidade disciplinar quando, injustificadamente, não cumprirem os prazos previstos na presente portaria e os que venham a calendarizar.

SEDE | PALÁCIO CEIA
Rua da Escola Politécnica, 147
1269-001 Lisboa Portugal
Tel.: (+351) 213 916 300
Fax: (+351) 213 973 229
e-mail: gic@univ-ab.pt
www.univ-ab.pt

Despacho nº 128/R/2011

As alterações que a sociedade do conhecimento tem vindo a introduzir nas universidades requerem uma atenção redobrada às questões de planeamento e estratégia.

A Universidade Aberta tem desenvolvido esforços no sentido de acompanhar o desenvolvimento e estabelecimento de uma rede de Centros Locais de Aprendizagem distribuídos por todo o território nacional e internacional.

A ampliação desta rede, atualmente com 15 Centros Locais de Aprendizagem, recomenda o alargamento e reestruturação da Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem criada pelo Despacho 400/R/2009.

Assim:

- 1- A Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem (UMCLA) funcionará na direta dependência do Reitor, integrando-se nela um dos elementos da equipa reitoral a quem compete a coordenação geral;
- 2- Considerando a necessidade de supervisionar o funcionamento dos CLA's e de executar o projeto de desenvolvimento e investigação a que estes estão vinculados, determina-se a criação de uma coordenação executiva da UMCLA.
- 3- Considerando as múltiplas funções consultivas, de estudo, planeamento e aplicação de métodos e processos de natureza técnica e/ou científica que fundamentam e preparam a decisão, atualmente atribuídas à assessoria técnico-executiva assegurada por um técnico superior, será integrado na UMCLA um outro técnico superior. Aos técnicos superiores compete

mediar a atuação dos coordenadores dos CLAs com os serviços da Universidade Aberta;

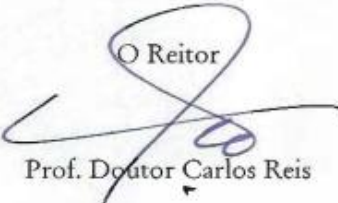
- 4- Considerando as funções de natureza executiva, de aplicação de métodos e processos com base em diretivas bem definidas e instruções gerais de grau médio de complexidade, nas áreas de atuação comuns e instrumentais e nos vários domínios de atuação dos órgãos e serviços, será integrado na UMCLA um assistente técnico;
- 5- Considerando que a Ação 12 do Plano Estratégico de Ação de Médio Prazo da Universidade Aberta define que a “atividade dos CLAs deverá sistematizar-se em rede”, será integrado na UMCLA um especialista de informática, a quem competirá a gestão de projetos informáticos e a coordenação dos CLAs no que toca a sistemas de informação e a processos de funcionamento em rede.
- 6- A UMCLA terá um regulamento interno próprio que será homologado pelo Reitor.
- 7- A UMCLA articular-se-á com a unidade móvel de investigação *Estudos do Local*, criada no âmbito do Instituto Coordenador de Investigação.

Pelo presente despacho são nomeados para a equipa da Unidade Missão para os Centros Locais de Aprendizagem os seguintes elementos:

- Prof. Doutor Domingos Caeiro, Vice-Reitor para os Assuntos Académicos: Coordenador Geral;
- Prof.^a Doutora Adelaide Millán Costa, Professora Auxiliar do DCSG: Coordenadora Executiva;
- Prof.^a Doutora Luísa Lebres Aires, Diretora da Delegação do Porto da UAb;

- Prof.^a Doutora Maria do Rosário Cunha, Diretora da Delegação de Coimbra da UAb;
- Prof.^a Doutora Susana Henriques, Professora auxiliar do DEED;
- Dr.^a Maria Fernanda Marques Mexia, Técnica superior: mediação com os SAE, SAT, GJ, GDERI e UPGCE;
- Dr.^a Maria da Graça Paulo Nunes, Técnica superior: mediação com os SOF, GII, SD e UALV;
- Eng.^o João Pedro Lima, Especialista de informática; mediação com os SI.
- Cláudia Rodrigues Oliveira, Assistente Técnica.

Lisboa, 26 de abril de 2011.

O Reitor

Prof. Doutor Carlos Reis



DESPACHO Nº 53/R/2012

Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem

No cumprimento e no respeito pelas opções estratégicas da Universidade Aberta, a Unidade de Missão (UMCLA) para os Centros Locais de Aprendizagem, dentro do seu âmbito de atuação junto dos CLA, mantém-se atenta aos desejos e necessidades das populações, de forma a promover a aproximação entre a instituição universitária e as comunidades, fomentando a dinamização de projetos socioculturais, em articulação com os CLA, com a colaboração direta de entidades locais e regionais, públicas e privadas.

Saliente-se ainda a flexibilidade, a valorização de competências e saberes e a organização em rede que fazem parte da matriz fundacional dos CLA e, por consequência, estão presentes nas ações que promovem, na relevância atribuída às culturas locais e na dinâmica de funcionamento da Unidade de Missão que os coordena. Um exemplo marcante do que é referido pode ser observado na estratégia adotada pela Unidade de Missão para a formação contínua e monitorização dos coordenadores dos CLA: a Comunidade de Prática *online* em desenvolvimento no campus virtual da UAb.

Deste modo, está previsto dar continuidade à ampliação da rede de CLA, missão que é assegurada pela Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem, criada pelo Despacho Reitoral nº 400/R/2009, e cujo enquadramento e composição importa redefinir.

Assim:

1. A UMCLA funcionará na direta dependência do Reitor, integrando-se nela um dos elementos da equipa reitoral (Vice-Reitor), cabendo-lhe assegurar a coordenação geral com os poderes inerentes de despacho de todos os assuntos afetos a esta estrutura de organização e gestão dos recursos humanos e materiais.

SEDE | PALÁCIO CEIA
Rua da Escola Politécnica, 147
1269-001 Lisboa
CAMPUS DO TAGUSPARK
Edifício Inovação I
2740-122 Porto Salvo (Oeiras)
Portugal
Tel.: (+351) 213 916 300
Fax: (+351) 300 002 995
uab@univ-ab.pt

Imp 03-25_A02

2. Considerando a necessidade de supervisionar o funcionamento dos CLAs e de executar o projeto de desenvolvimento e investigação a que estes estão vinculados, determina-se a criação de uma coordenação executiva da UMCLA.
 - 2.1 - A coordenação executiva será exercida por um docente, pertencente à UMCLA, nomeado pelo coordenador geral e terá a duração de dois anos, podendo ser renovado por igual período.
3. Considerando as múltiplas funções consultivas, de estudo, planeamento e aplicação de métodos e processos de natureza técnica e/ou científica que fundamentam e preparam a decisão, mantêm-se em funções os dois técnicos superiores, a quem compete mediar a atuação dos coordenadores dos CLAs com os serviços da Universidade Aberta;
4. Considerando que o Plano Estratégico define a consolidação das infraestruturas tecnológicas e dos serviços do *campus virtual* e que a atividade dos CLA deverá sistematizar-se em rede, mantêm-se em exercício de funções o especialista de informática, a quem compete a gestão de projetos informáticos e a monitorização dos CLA no que toca a sistemas de informação e a processos de funcionamento em rede.
5. A UMCLA terá um regulamento interno próprio que será homologado pelo Reitor.
6. A UMCLA articular-se-á com a unidade móvel de investigação *Estudos do Local*, criada no âmbito do Instituto Coordenador de Investigação.

Pelo presente despacho são nomeados para a equipa da Unidade Missão para os Centros Locais de Aprendizagem os seguintes elementos:

- Prof. Doutor Domingos Caeiro, Vice-Reitor para os assuntos académicos, comunitários e de extensão cultural: Coordenador Geral;
- Prof^a Doutora Luísa Lebres Aires, Diretora da Delegação do Porto da UAb;
- Prof^a Doutora Maria do Rosário Cunha, Diretora da Delegação de Coimbra da UAb;
- Prof.^a Doutora Adelaide Millan Costa, Professora Auxiliar do DCSG;
- Prof^a Doutora Susana Henriques, Professora auxiliar do DEED;
- Dr.^a Maria Fernanda Marques Mexia, Técnica superior: mediação com as SAE, SAT, GJ, GDERI e ACM;
- Dr.^a Maria da Graça Paulo Nunes, Técnica superior: mediação com as SOF, GII, SD e UALV;
- Eng.^o João Pedro Lima, Especialista de informática: mediação com os SI.

O presente despacho revoga o Despacho nº 128/R/2011 e produz efeitos a partir da data da sua assinatura.

Universidade Aberta, 6 de março de 2012.



O Reitor

Paulo Maria Bastos da Silva Dias

SEDE | PALÁCIO CEIA
Rua da Escola Politécnica, 147
1269-001 Lisboa
CAMPUS DO TAGUSPARK
Edifício Inovação I
2740-122 Porto Salvo (Oeiras)
Portugal
Tel.: (+351) 213 916 300
Fax: (+351) 300 002 995
uab@univ-ab.pt



DESPACHO Nº 109/R/2013

As alterações que a sociedade do conhecimento tem vindo a introduzir nas universidades requerem uma atenção redobrada às questões de planeamento e estratégia.

A Universidade Aberta tem desenvolvido esforços no sentido de acompanhar o desenvolvimento e estabelecimento de uma rede de Centros Locais de Aprendizagem distribuídos por todo o território nacional e internacional.

A ampliação desta rede, atualmente com 16 Centros Locais de Aprendizagem, recomenda o alargamento e reestruturação da Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem criada pelo Despacho 400/R/2009.

Assim:

- 1- A Unidade de Missão para os Centros Locais de Aprendizagem (UMCLA) funcionará na direta dependência do Reitor, integrando-se nela um dos elementos da equipa reitoral a quem compete a coordenação geral;
- 2- Considerando a necessidade de supervisionar o funcionamento dos CLA's e de executar o projeto de desenvolvimento e investigação a que estes estão vinculados, determina-se a criação de uma coordenação executiva da UMCLA.
- 3- Considerando as múltiplas funções consultivas, de estudo, planeamento e aplicação de métodos e processos de natureza técnica e/ou científica que fundamentam e preparam a decisão, atualmente atribuídas à assessoria técnico-executiva assegurada por dois técnicos superiores, será integrado na UMCLA um outro técnico superior. Aos técnicos superiores compete mediar a atuação dos coordenadores dos CLAs com os serviços da Universidade Aberta de acordo com o estipulado nos perfis definidos no Projeto de Desenvolvimento dos Centros Locais da Universidade Aberta, 2010-2016;
- 4- Considerando que a Ação 12 do Plano Estratégico de Ação de Médio Prazo da Universidade Aberta define que a "atividade dos CLAs deverá sistematizar-se em rede", será integrado na UMCLA, a seu devido tempo, um especialista de informática, a quem competirá a gestão de projetos informáticos





e a coordenação dos CLAs no que toca a sistemas de informação e a processos de funcionamento em rede.

5- A UMCLA articular-se-á com a unidade móvel de investigação Estudos do Local, criada no âmbito do Instituto Coordenador de Investigação.

6- A UMCLA tem um regulamento interno próprio homologado pelo Reitor.

Pelo presente despacho são nomeados para a equipa da Unidade Missão para os Centros Locais de Aprendizagem os seguintes elementos:

- Prof. Doutor Domingos Caeiro, Vice-Reitor para os Assuntos Académicos: Coordenador Geral;
- Prof.ª Doutora Adelaide Millán Costa, Professora Auxiliar do DCSG: Coordenadora Executiva;
- Diretor(a) da Delegação do Porto da UAb;
- Diretor(a) da Delegação de Coimbra da UAb;
- Prof.ª Doutora Susana Henriques, Professora Auxiliar do DEED;
- Prof. Doutor José António Moreira, Professor Auxiliar do DEED;
- Mestre Susana Mântua, Técnica Superior;
- Mestre Maria da Graça Paulo Nunes, Técnica Superior
- Dr.ª Maria Fernanda Marques Mexia, Técnica Superior;

O presente despacho entra imediatamente em vigor e é revogado o Despacho 128/R/2011.
Universidade Aberta, 6 de dezembro de 2013

O Reitor

Paulo Maria Bastos da Silva Dias

